

# *Terceira* ***Virtualidade***

Mônica Barg



***Terceira Virtualidade***  
***Monica Barg***

# ***Table of Contents***

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

## Prólogo

### *Um tempo para...*

Ouvi por tantas vezes esta história e de tantas maneiras diferentes que paira a dúvida se aconteceu uma ou várias vezes, com uma ou muitas pessoas.

Compartilhar estas reflexões é um privilégio e como a mim chegaram impregnadas do genuíno sentimento da vivência, escolhi registrá-la na voz de Sônia, que ora se descola dela mesma para apontar acusadoramente aquela outra Sônia – a que ela foi e as muitas que aprendeu a ser.

No entanto, Sônia sabe melhor que ninguém, que a viagem reflexiva da mulher que ela é hoje só existe pelos registros do passado; a bagagem de vida marcada pela educação da família de imigrantes judeus carrega a marca desta cultura milenar sobrevivente e incansável ao repetir: “Não devemos esquecer”.

Descolar-se de si mesma; é apenas um exercício bem-humorado que Sônia usa para lembrar, é uma fuga da lamúria, envereda para o sarcasmo, uma veia de personalidade abafada pelo casamento tradicional, a obediência ao marido e a missão de cuidar dos filhos, porém um exercício repleto de sensibilidade e emoção.

Apesar de se dizer incapaz de registrar sua história de forma escrita, só Sônia poderia senti-la. E a mim só resta agradecer.

### *Introdução*

De onde vem este livro? Dos registros de como superei o medo que me assolava desde que nasci.

Fiquei tão orgulhosa deste feito que agora, olhando para trás, acho até certo exagero, mas à época, há quase cinco anos, aconteceram pequenos “milagres” que me proporcionaram mudar escolhas que sempre acreditei serem para sempre.

Contei tantas vezes esta história, e todos me diziam: “Como você mudou!”, que acabei por aceitar a idéia de registrá-la. Não que eu fosse tecnicamente

capaz de fazê-lo, não sou.

Fiz registros esparsos, gravações e um sem número de encontros e este é o resultado. Eu adorei! Como adorei contar e viver. Você? Não sei bem, talvez o que aqui esteja registrado não seja de absoluto interesse a ninguém, senão para mim mesma, para alimentar minhas fantasias e contar sonhos recorrentes.

Como eu dizia, repeti por tantas vezes e de tantas maneiras que hoje parece que tudo aconteceu com outra pessoa. Na verdade, eu era mesmo outra, aquela que fui um dia, a quem me refiro por muitas vezes na terceira pessoa. A Sônia, que descobriu; um pouco depois que muitos; que as coisas nem sempre são o que parecem ser. A Sônia a quem a passagem do tempo surpreendeu e a mudança do mundo também. A surpresa foi tanta que me vi encurralada em angústia e vencida pelo medo, o companheiro de sempre que até então eu considerava dominado.

A saída de Sônia, aquela que não existe mais, foi construída durante um “daqueles” anos em que o dígito zero no final da idade parece pesar como chumbo. Naquele ano, em especial, o peso era dobrado, atravessava a fronteira para o que se convencionou chamar de terceira idade, reforçado pelo peso da chegada do terço final da vida, como se alguém soubesse qual numerador dividir por três.

Nas próximas páginas, vocês vão conhecer aquela Sônia e a nossa família, por meio das reflexões dela e das minhas, como eu sou hoje. “Não seriam memórias?”, alguém perguntou. Desisti de chamar assim, quase tudo aqui não é o que lembro, mas o que sinto, enquanto passou o ano que mudou meu olhar sobre o tempo.

### **Nota da Autora:**

*Sônia é a fictícia personagem desta história de muitas: a viuvez, a casa sem filhos, as mudanças no mundo e os novos valores sociais, diferentes daquilo que ela sempre acreditou ser o “certo” para a vida e ser verdade “para sempre”. Sônia enfrenta uma enorme angústia ao deparar com questões que não estava preparada para enfrentar naquela fase da vida.*

*Muitas mulheres se vêem na personagem, sozinhas ou solitárias, dedicadas a projetos familiares “perfeitos” que não existem mais. Encaram esta realidade e podem escolher, ou não, o tempo como aliado, o tempo que*

*consola, acalenta e desafia nossa existência.*

*Encantada com este misterioso tempo, tomo emprestados os versos de Eclesiastes na abertura de cada capítulo, versos que sabiamente dizem: “Um tempo para plantar, um tempo para colher”.*

# Capítulo Um

## *A Data*

*Porque, quem sabe o que é bom nesta vida para o homem, durante os poucos dias da sua vida vã, os quais gasta como sombra? Pois quem declarará ao homem o que será depois dele debaixo do sol?*

*Eclesiastes 6,12*

Faltavam dois dias. Eu, Sônia, dali a dois dias, completaria sessenta anos. Passaria a fazer parte da terceira idade. Ainda não sabia muito bem como se dividia a primeira da segunda e como nunca ouvira falar da quarta, concluía que esta terceira era a última. Será? Na dúvida era bom aproveitar, já que, afinal de contas, ninguém sabe o que vem depois.

Não me sentia velha; um pouco cansada, talvez, e de uns tempos para cá não sabia o que esperar, afinal era só o que eu fizera: passara a vida toda esperando. Esperando que meu pai me dissesse o que fazer, que minha mãe o contrariasse, esperando pelo amor, pelo marido, pelos filhos, pela sorte, pelo destino, mas agora não espero mais nada.

Meus pais há muito não vivem, os irmãos também não. Saul, o marido, ou melhor, o “Marido”, assim, com maiúscula, também se fora, cinco anos desde então. Meus filhos, agora adultos, seguem cada um seu caminho, assim como cunhada, primos, e toda a parentada não tão próxima. E eu? Estava ali, prestes a ingressar na terceira idade, quando me olhei no espelho e pensei: Não sou eu! Meu corpo não é este, meus olhos não são estes! Afinal, quem é esta outra? Pior ainda, quem é esta senhora? Meu tipo é cabelo preto, pele clara, baixa estatura, coxas grossas e quadril largo. Não sou gorda, mas a idade, a gravidez e a gravidade, trouxeram sobrepeso, flacidez, rugas, essas coisas. A pele não era mais a mesma, nem brilhava como antes. Não me sentia como a imagem refletida. O que mais incomoda são os olhos, pois tinham perdido a expressividade da juventude. Não podia ficar assim, quase uma estranha, uma outra: “A Sônia”. E se eu fizesse uma plástica?

Na verdade, seria a segunda. Sempre fui muito vaidosa. Há doze anos convenci “Saul – Marido” e fiz uma cirurgia para reparar o pescoço e os seios. O “Marido” pensava por compartimentos, um assunto de cada vez e eu o denominava mentalmente (adotei este método com outros também).

Dependendo da situação, atuava como o personagem da vez: tinha o Saul Marido, o Saul Sustento, o Saul Pai, o Saul Filho... Este era o pior, manhoso e birrento! Bem, na época da plástica, estava casada, queria que o episódio mudasse algo na vida e no casamento, mas não mudou! E agora? Não tinha nem Saul Marido, nem Saul Sustento. A juventude e a beleza se foram de vez, eu nem sabia dizer como o tempo havia passado tão rápido. Qualquer esforço parecia sem sentido.

Resolvi pensar nisto mais tarde, afinal, tinha que levantar e sair, pois a família viria comemorar no domingo – a data da terceira idade. Pensei, com um sorriso, que daria uma boa festa temática, destas que estavam na moda.

Mentalmente fiz uma listinha, precisava passar no supermercado, na lavanderia, no banco, marcar cabeleireiro, mas por que eu continuava ali parada? Tinha que fazer exame de sangue, o médico pedira um check-up. Será que agora ia se iniciar uma saga de hospitais e exames? Afinal, é a terceira idade! Tudo o que sempre peço é para não ficar longamente doente, quero morrer de forma rápida, acho que todos querem. Como saber?

As divagações mentais continuavam e eu ali, como um lagarto ao sol. Resolvi me mexer, deixar os pensamentos para depois. Por onde começaria? Eram dez horas de sexta-feira, o trânsito devia estar caótico, eu não sei guiar, nunca havia me interessado, mas agora sentia falta e tinha medo. Vou me virando de ônibus e táxi, mas com certeza se tivesse um carro conseguiria fazer tudo mais rápido. Precisava ligar para meus filhos, os “Filhos Festa” não haviam decidido se vinham para o almoço ou para o jantar, eu começaria por aí e depois veria o resto.

Meus filhos são três: Samuel, Sérgio e Susana, assim, nesta ordem, tão diferentes e especiais a sua maneira. No geral, eu tinha tido muita sorte, pois eram saudáveis, inteligentes e atenciosos. Depois que o Saul Sustento faleceu, a situação financeira tinha ficado muito difícil, ele nunca fora previdente e cuidadoso e sempre achou que trabalhando durante a vida, o restante estaria resolvido. Deixou o apartamento onde moramos toda a vida e a insignificante pensão da aposentadoria. Passados os primeiros meses após a viuvez, me mudei para um apartamento menor; em parte para deixar as lembranças para trás, mais para reduzir as despesas, e hoje, se não fosse a ajuda financeira dos filhos, Filhos Sustento, eu não conseguiria sobreviver.

Sobrevivência? Eu sou uma sobrevivente, filha de sobreviventes, cheguei ao Brasil ainda bebê, com menos de um ano, vinda da Polônia, a família fugia da Segunda Guerra e das perseguições do Holocausto. Assustados, sem falar o idioma, meus pais se instalaram em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, como muitos outros imigrantes judeus. Aos poucos, foram fazendo a vida, trabalhando como mascates e depois como comerciantes. Eu crescera ali, menina em meio aos tecidos, máquinas, confecções, alfaiates e costureiras, muito deles, sobreviventes foragidos que, como meus pais, tinham muito medo e ensinaram a nós, crianças, a ter medo também. As oportunidades eram escassas, estudar era prioridade para os meninos, eu completara o curso primário em meio aos demais imigrantes e depois disso minhas tarefas eram ajudar na casa, o que faz de mim quase uma analfabeta. Ainda hoje, eu, Sônia Adulta, mãe de três adultos, tenho medos infantis e nem tanto, mas o medo sempre está lá, presente em todos os dias que posso lembrar. Não sei bem o que me aflige, não parece algo muito real, como medo de altura, de assalto ou de algum animal... É mais uma angústia do inesperado, um sentimento que está ali, meu companheiro de sempre.

Era bom eu me mexer, ainda queria estar de volta a tempo de acender as velas do *shabat* (*descanso semanal judaico, tem início sexta-feira ao pôr do sol com o ritual de acendimento de velas e término no sábado no mesmo horário quando se inicia a semana*), não que eu seja religiosa, mas me sinto bem mantendo o costume milenar herdado. Quando os filhos moravam em casa, era uma forma de ensiná-los a tradição e os costumes da religião e ainda um motivo para o encontro e para a convivência familiar. Agora, eu mantinha o hábito como uma forma de homenagear meus pais, sempre lembrados com saudades, e as boas recordações de quando o Saul Marido era vivo e os Filhos Crianças, pequenos. Sônia chega de divagações! Vou começar as ligações.

## Capítulo Dois

### *Mãe*

*Uma geração vai-se, e outra geração vem, mas*

*A terra permanece para sempre.*

*Eclesiastes 1,4.*

Quando Samuel nasceu, Saul Pai não cabia em si de felicidade. Até hoje imagino como teria sido se fosse uma menina, pois Saul Marido sequer admitia esta hipótese para o primeiro filho.

Lá se vão quarenta anos e hoje tudo é diferente. Meu primeiro neto, Daniel – sim, já existe uma Sônia Avó – está com doze anos. Samuel espera agora pelo nascimento do segundo filho, agora uma menina. Eu seria uma Sônia Re-Avó, ou seja, duas vezes mais coruja boba e mais excluída, São assim as avós!

Samuel conheceu Shirley ainda na faculdade de engenharia. Namoraram durante todo o curso e ao final decidiram casar, muito pela pressão das duas famílias, afinal, este é o caminho natural da vida. Shirley também foi insistente, dizia querer ter filhos logo. Seduzida pela idéia da Sônia Avó, fui uma entusiasta defensora do assunto, mais entusiasta ainda porque Shirley era de uma família tradicional, de educação conservadora, que, como nós, eram judeus. Para nossas famílias de imigrantes, era muito importante preservar as tradições, até Saul Pai, reservado como sempre, se emocionou com o fato.

Logo no início da convivência, começaram a aparecer dificuldades. Shirley Nora se revelou muito mimada e exigente, principalmente com relação a questões financeiras. Quando engravidou, deixou de trabalhar definitivamente e passou a exigir confortos materiais que meu filho, no início da vida produtiva, não podia proporcionar.

A crise se agravou com o nascimento de Daniel. A pressão da maternidade trouxe ainda mais mudanças na vida do jovem casal. O relacionamento foi se desgastando e as brigas foram se tornando mais e mais freqüentes. Samuel perdeu o emprego no banco e Shirley perdeu o Samuel Sustento. Foi aí que decidi voltar para casa do pai, dizendo que Samuel não podia manter nem a ela nem ao filho e que era uma mulher muito jovem e bonita para viver ao lado de um homem fracassado e sem ambição.

Samuel Pai ficou arrasado, era um pai presente e dedicado, o menino e ele

eram muito ligados, a vida familiar havia desmoronado. Apesar dos desgastes dos últimos tempos, o filho amava Shirley, se referia a ela como sua melhor amiga, sua companheira. Eu via meu filho atolado na culpa pela separação, pelo emprego perdido, pela frustração e pelo sofrimento de Daniel, que tinha apenas sete anos. Samuel chegou a dizer que não merecia ter uma família, admitindo seu fracasso.

Shirley Nora continuava irredutível, os pais dela revoltaram-se com a separação, achavam que era uma vergonha, um escândalo familiar, afinal, casamento era para sempre. Eu também achava. Eles foram duros, culparam meu filho pelo vexame, acusando-o de descaso com a família com a esposa. Foram vingativos e, em represália, criaram várias dificuldades para que Samuel visse o filho, ameaçando inclusive de impedi-lo judicialmente. Só então, eu, que havia me mantido o mais distante possível da situação, me vi obrigada a intervir e dar minha opinião. Afinal, Daniel era meu único neto, eu via meu filho ficando cada vez mais deprimido, praticamente sem condições emocionais de defender-se e precisando de ajuda. Pensei no que Saul Marido faria se estivesse vivo e decidi ir lá falar com a família de Shirley.

O pai de Shirley Nora, Adão, era um tipo meio troglodita; primitivo como aquele original, o primeiro homem. Era um sujeito à antiga, que achava que as mulheres foram feitas para fazer filhos e bolinhos, o que explicava o fato de Shirley ser mimada. Com muito jeitinho consegui trazê-lo para meu lado, fazendo com que pensasse no nosso neto e na educação dele. Acabei por convencê-lo de como era importante a presença do pai para Daniel, que era apenas uma criança e não deveria ser mais prejudicado pelos desentendimentos das nossas família, o menino já havia sofrido o suficiente assistindo às brigas dos pais e à separação.

Essa tinha sido uma época difícil, pois no mesmo ano em que fiquei viúva, Samuel se divorciou e acho que aí é que comecei a envelhecer. Sofri muito; a longa doença do Marido, todas aquelas desavenças familiares, problemas financeiros, eu tendo que assumir assuntos da casa e da subsistência que Saul Sustento sempre cuidara. Pensando bem, nem sabia como eu tinha passado por aquela tempestade e comparando com aquela época, a atual era o paraíso, sem Adão, é claro!

Meu filho se refez da decepção, estava trabalhando após um longo período de instabilidade. É verdade que não estava satisfeito com o salário, com o

chefe e com as condições, mas, hoje em dia, quem está?

O casal estava divorciado havia cinco anos, meu neto Daniel continuava convivendo de maneira próxima com o pai e com toda a família e já fazia dois anos Samuel tinha uma nova companheira, uma moça chamada Nélida. Muito estranho esse nome! Ela é completamente diferente de Shirley, vem de uma família muito simples, do interior de São Paulo, perdeu o pai ainda menina e sofreu prematuramente com as dificuldades naturais da vida. Ela é bem carinhosa, e dá especial valor à convivência familiar, presta muita atenção aos detalhes, ao comportamento de todos. É solidária, e tem sempre uma palavra de luz e paciência.

Trouxe estabilidade e segurança emocional para meu filho, mas, tenho que reconhecer, fez bem para toda a família, é um espírito conciliador. Daniel se apegou muito à nova esposa do pai e surpreendeu a todos, reagindo muito bem à chegada da irmã.

Nélida foi uma surpresa também para mim. No início do relacionamento, eu não tive muita convivência com ela, pois Samuel sempre estava ocupado, viajando nos finais de semana em que não ficava com Daniel.

Preciso confessar que impliquei com o nome da moça. Claro que isso era uma bobagem, mas, além de achar o nome estranho, não conseguia memorizá-lo, o que irritava Samuel profundamente, pois achava que eu estava fazendo pouco caso. Mesmo confiando em meu filho, sempre achei que o relacionamento foi muito rápido e nos primeiros encontros fiquei desconfiada do estilo da moça, ou melhor, de Nélida. Ela fazia muitas perguntas sobre a casa, a família, o passado, e, de certa forma, isso me incomodava.

Com o tempo, eu a conheci melhor e aprendi a gostar dela, entendi que a curiosidade era uma forma de atenção e não de indiscrição. Diferente de Shirley, para Nélida a vida fluía mais naturalmente, sem dramas absurdos e sem fatalidades inexplicáveis. De forma simples, ela tinha uma atitude mais madura, sem bajulação e falsos agradados.

Quando, pedindo que ela não se ofendesse, contei sobre a dificuldade de guardar seu nome, Nélida deu risada e rapidamente respondeu que na família muitos a chamavam de Lili, um apelido vindo da infância e que eu poderia ficar à vontade para tratá-la assim. Acabamos por achar graça na situação e a partir daí só uso Lili, o que facilitou.

Lili também havia sido casada anteriormente e se separara, porém não tivera filhos, pois, ao que parece, o ex-marido não podia tê-los. Agora, ela não cabia em si de felicidade aguardando o nascimento da filha, a maternidade era um sonho antigo e ela estava muito entusiasmada. A cada dia tinha novidades: o quarto, a roupinha, enfim, muitos preparativos. O nome ainda não tinha sido escolhido e eu esperava que Nélida pensasse bem antes de decidir e não repetisse o que a mãe dela fizera. Aquele nome esquisito...

Meu filho agora estava bem; eu nunca tinha visto Samuel tão seguro e dono de si e, apesar de dificuldades profissionais e do dia-a-dia, havia resgatado sua auto-estima, estava trabalhando. Lili o incentivava, era companheira e colaboradora, trabalhava como tradutora. Além das traduções escritas, sempre participava de eventos e congressos, assim ajudava nas despesas e na casa, de forma natural, sem cobrar que Samuel fosse o único responsável por prover a família.

Eles nunca tinham se casado formalmente, eu sei que hoje isso não é tão importante, mas gostaria que regularizassem a situação, eu me sentiria mais confortável, principalmente agora que eles teriam uma filha. Sutilmente sugeri, mas Samuel não dissera nada e eu não sabia o que ele planejava sobre o assunto.

Lili tinha atendido a ligação e para eles seria melhor comemorar no almoço, pois tinham um compromisso à noite. O telefone de Susana só dava ocupado...

## Capítulo Três

*Mãe de novo.*

*Como saiu do ventre de sua mãe, assim também se irá, nu como veio;*

*E nada tomará do seu trabalho, que possa levar na mão.*

*Eclesiastes 5,15*

Não poderia ligar para meu filho Sérgio, ou melhor, não àquela hora e ele também não estaria na comemoração do aniversário. Mora em Nova York desde os vinte e dois anos, quando terminou a faculdade de Engenharia Civil. Hoje, aos trinta e cinco, era o mais bonito dos três filhos. Como mãe, não deveria dizer isto, mas era verdade, tinha olhos verdes e cabelo bem preto, a pele clara, uma mistura das características da minha família e a de Saul. Os irmãos costumavam brincar que ele herdara todas as partes boas dos genes, afinal, era só o que havia para herdar.

Lá se vão treze anos que Sérgio está fora. As vindas ao Brasil foram diminuindo cada vez mais e agora ele raramente vinha, mas ligava toda semana e também ajudava financeiramente. Neste ano, tinha me prometido que mandaria uma passagem, para que eu fosse até lá, mas até agora não voltara no assunto. Eu não sabia bem o que encontraria, nem sabia se viajaria ou não, estava curiosa pela experiência, mas tinha um pouco de medo da viagem, não do avião em si, mas do deslocamento, do idioma. Também não queria pensar nisso como um empecilho, queria mais que tudo ver como meu filho vivia.

Sérgio nunca havia exercido a profissão de engenheiro, trabalhava em um museu, algo relacionado a marketing que eu nem sabia bem explicar, o que parecia é que ele estava muito bem por lá.

Quando se mudou, tinha uma bolsa de estudos para um curso de marketing, depois começou a trabalhar como estagiário e as coisas foram se ajeitando. Obteve um visto de permanência e um emprego fixo; assim se estabeleceu com apartamento próprio, carro e uma vida estruturada e confortável.

Sérgio sempre fora diferente dos irmãos, detestava a escola, apesar de não ser mau aluno, não gostava das regras para todos e não se sentia à vontade com a família, o que sempre foi motivo das brigas entre ele e Saul. Claro que eu percebia o seu desconforto, que só foi aumentando na adolescência e na

faculdade. Na verdade, eu sempre soube que cedo ou tarde, o filho iria embora, e com sorte ele tinha estudado e aproveitado a educação que pudemos proporcionar.

Sérgio não é casado, não tem filhos e mora com um amigo. Ele não fala do assunto família, os irmãos menos ainda, em especial Samuel, que o acha um irresponsável e *bon-vivant*. Os dois tinham suas diferenças: Samuel sempre dava razão ao pai nas brigas e Susana era a mediadora entre os dois; morriam de ciúmes um do outro e qualquer alfinetada virava uma explosão.

Sérgio sempre fora muito fechado e há muito eu havia desistido de perguntar sobre a vida pessoal dele, mais propriamente sobre namoradas e relacionamentos. Recentemente, eu tinha, com muita dificuldade, admitido a possibilidade de ele ser homossexual, mas nunca tive coragem de perguntar nem sugerir. Pensaria no assunto, quem sabe a viagem a Nova York fosse uma oportunidade para nos reaproximarmos, conversarmos sobre a família e sobre isto também. Ficou muito tempo sem ver o pai, antes deste falecer.

Apesar da doença do marido, tudo tinha sido muito rápido e a viagem de Sérgio ao Brasil estava programada para dali a duas semanas, quando tudo aconteceu.

Sérgio ficou arrasado por encontrar o pai já morto, mas nunca admitiu ou falou sobre o assunto. Depois do enterro, não quis ficar para o “*shive*”, (*período de sete dias de luto judaico*) como se já não houvesse nada a fazer ou falar e logo retornou para Nova York. Samuel nunca perdoou o irmão por isto, achava que Sérgio fizera pouco caso da família e não fora atencioso comigo e sempre que podia lembrava o fato, para provocá-lo.

Passados esses anos, talvez Sérgio pudesse também falar sobre o pai e poderíamos chorar juntos as saudades. Quem sabe também se abriria a respeito da sexualidade? Para mim era muito difícil, muito mais difícil entender do que aceitar, mas eu ainda preferia meu filho a desistir dele.

O mundo estava mudado, vivíamos em uma época em que tudo era possível acontecer; todas as relações eram muito complexas, uma espécie de guerra social, onde não se sabe o que esperar das pessoas, dos relacionamentos, do amanhã.

Logo eu, comparando estes dias de hoje com uma guerra, eu tinha as marcas de uma verdadeira guerreira, mas o medo do inesperado era a marca comum

daqueles e destes tempos. Lá estava eu novamente divagando, e resolvi ver se o telefone de Susana havia desocupado.

## Capítulo Quatro

### *Ainda Mãe*

*Quem sabe se o espírito dos filhos dos homens vai para cima,*

*E se o espírito dos brutos desce para a terra?*

*Eclesiastes 3,21.*

Finalmente consegui falar com minha filha! Essa menina trabalha muito, está sempre agitada, tensa, é muito responsável, mas, por outro lado, não aproveita a vida, sempre digo para ela se divertir mais.

Susana tem trinta e três anos, é publicitária, trabalha em uma agência de propaganda. Vive às voltas com muitas atividades e além do emprego na agência, escreve artigos para *sites* e faz ainda outros trabalhos por conta própria, os “*freelas*”, como ela e os colegas dizem.

Apesar de ser muito bonita, nunca se convenceu sobre sua beleza. Vivo a insistir que está na hora de pensar em casar e ter filhos, mas Susana não está concentrada nesse assunto; é obstinada pela carreira, adora viajar. Apesar de eu saber que ela quer um companheiro estável e uma família, a verdade é que não tem muita paciência para as concessões necessárias em um relacionamento.

Cansei de falar, e resolvi não me meter mais, todas as vezes acabávamos brigando. Susana era muito impetuosa e também muito crítica, por qualquer coisa explodia.

Os irmãos a adoram, foi mimada por todos, principalmente por Saul Pai, era a caçula querida e única menina. Seis anos antes, um ano antes de Saul falecer, a filha foi morar só.

Saul Pai nunca se conformara com o assunto, achava que a filha devia sair de casa só para casar e, mesmo doente, não deixou de insistir para que ela voltasse.

Depois da viuvez, pensei que ela voltaria para casa, mas com o tempo fui percebendo que isso não estava em seus planos. Para mim era difícil entender, afinal, eu saí da casa dos meus pais virgem, sem saber muito sobre a vida, e fui direto para a casa do Saul Marido e Susana sempre tinha tido alguém por perto, cuidando dela e de tudo.

Agora eu me sentia abandonada com a ausência da filha que era independente e decidida e nem conseguia imaginar o desafio que aquela situação nova de viuvez e solidão representava para mim.

No início, fiquei muito magoada, afinal, estávamos as duas morando sós, mas depois acabei compreendendo que seria melhor assim, nunca tivemos uma convivência muito harmoniosa, éramos completamente diferentes e talvez fosse melhor cada uma em seu canto.

Susana rejeitava a dedicação familiar que investi nos filhos e no marido e achava impossível uma mulher se sentir satisfeita e admirada “só” por isso. Eu, por outro lado, achava que Susana tinha tido todas as oportunidades, mas se apoiava na carreira, rejeitando a dedicação e a vida familiar. No fundo, somos ambas voluntariosas e obstinadas, mas com objetivos e valores diferentes.

Havia muito eu não tinha notícias de que Susana estivesse namorando sério. Como o último se chamava, mesmo? Miguel! Era um sujeito meio estranho, não trabalhava, vivia de uns rendimentos deixados pelo pai, porém não tinha qualquer outra atividade, um hobby, um esporte ou um trabalho social, estava sempre disponível e Susana sempre ocupada, correndo com o trabalho, a família, os amigos.

Passado quase um ano de relacionamento, Susana se cansou do chato. É...Ele era um chato! Ou, como dizia Samuel, um inútil. Mas já se iam três anos dessa história e nenhum outro namorado havia sido apresentado à família. A filha nunca falava sobre o assunto, não reclamava, saía com as amigas, viajava, e ia levando a vida, mas no fundo Sônia Mãe sabia que estava nos planos da filha um relacionamento fixo.

Pensando bem, será que ela estava metida em alguma encrenca? Será que tinha se envolvido com um homem casado? Porque eu estava pensando nisto agora? Tinha que arrumar um jeito de sondar a filha sobre o assunto, mas sem brigar. Esta parte seria difícil.

Pensei também que fazia tempo que não ia à casa de Susana; este poderia ser o caminho para descobrir. Será que tinha alguém morando lá? Não era possível!

Susana mora bem perto, em um apartamento que é uma graça, tudo arrumado e por muitas vezes eu me oferecera para ajudar, mas Susana gostava de cuidar

dos detalhes pessoalmente. Vez por outra ela me pedia um favor, que ficasse lá ou buscasse algo, mas era quase como se pedisse desculpas, dizia que não gostava de atrapalhar.

Eu não oferecia mais, mesmo me preocupando, mas como Sônia Mãe daria uma desculpa qualquer para dar um pulo até o apartamento de Susana. Fiquei preocupada com a idéia que me passou pela cabeça. Se minha filha estivesse tendo um caso, não saberia o que fazer. O que fazer? Nada adiantaria. Tinha medo de que Susana se magoasse ou estivesse perdendo a juventude com alguém que não a merecesse.

Pensei também em ligar para Renata, a melhor amiga de Susana. As meninas conheciam-se desde a escola e eu sempre falava com a moça, que era como se fosse da família. Assim, como quem não quer nada, inventaria uma desculpa para sondar os acontecimentos, ela nem perceberia.

Eu não conseguia entender por que Susana não se abria comigo. O que será que eu havia feito de errado? Será que eu era tão antiquada assim? Agora então, aos sessenta, passaria do estágio da antiquada para senil.

Mas a verdade é que a filha era fechada, aliás, todos os filhos eram. Eu sempre achei que tinha sido influência de Saul Pai que os educara para a sobrevivência, sem diálogo e sem grandes manifestações afetivas. A obrigação era estudar, pois daí viria o sustento e a independência, isso era o que importava. Ter como sobreviver onde quer que estejam, isto tudo ensinado na base do respeito pelo medo, coisas da época que hoje estão muito mudadas.

A Sônia Mãe, Sônia Esposa, do lar, só cabia obedecer, sem criar muito caso, sempre procurando colocar panos quentes ora para um lado ora para o outro, afinal, era Saul Marido que sustentava a casa e quem determinava as regras de educação e convivência. Era ele o “chefe da família”. Ainda se usa isso hoje?

Eu havia lido em algum lugar que no Brasil mais da metade das famílias são chefiadas por mulheres, mas no meu tempo a mulher era somente conduzida, as esposas eram obedientes, responsáveis por cuidar da casa e dos filhos sem atrapalhar o marido. É, atrapalhar! Ao marido eram reservados privilégios, como o melhor lugar à mesa, o melhor sofá, o maior bife, o silêncio na hora do jogo e o jornal intocado.

Susana teria se dado mal na minha época, com o gênio terrível e a

impetuosidade, talvez por isto não tenha namorado. Os homens, apesar dos novos tempos, também não têm muita paciência com mulheres assim, preferem as cordatas às questionadoras.

Era uma pena, a filha daria uma ótima mãe, adora o sobrinho e apesar de não se importar muito com reuniões familiares, sempre é um motivo para vê-lo; eu acho que é só por isto que comparece.

Finalmente, falei com Susana e ficara enfim decidido: O aniversário seria comemorado com um almoço no domingo, então era bom me mexer.

## Capítulo Cinco

*A data de novo*

*Tudo tem a sua ocasião própria*

*E há tempo para todo propósito debaixo do céu.*

*Eclesiastes 3,1*

Era domingo, o dia do aniversário, ou melhor, a data da terceira idade. Acordei cedo, tomei meu banho e agora tomava café lendo o jornal antes de me arrumar para aguardar a chegada de todos.

Sentia-me bem, pensei que deveria procurar o rabino, queria fazer um donativo, uma coisa simples. Era costume comemorar de forma especial os sessenta anos, já que chegara à metade dos almejados cento e vinte (*É um cumprimento tradicional judaico desejar “até os cento e vinte anos”, para desejar vida longa*). Esta seria a minha maneira de agradecer por ter tido saúde até aqui e pedir o mesmo pelos anos que viriam.

Estava tranqüila, tudo pronto, a casa arrumada, me sentia em paz. Registrei mentalmente a sensação para transmitir a Clarice, minha terapeuta.

A família chegaria por volta de uma da tarde, eu mesma tinha preparado os pratos prediletos de todos, sempre gostei de cozinhar, principalmente agora que não tinha a obrigação de preparar refeições todos os dias, como quando meus filhos eram pequenos. Gosto da casa cheia, mesmo morando neste apartamento pequeno. Lembrava quando morávamos todos juntos e os filhos adolescentes faziam com que a casa parecesse um albergue, sempre com amigos, namorados, enfim, era lá que se reuniam para estudar ou sair para as festas.

Também convidei Regina; somos amigas de longa data, desde a adolescência, quando as famílias eram vizinhas. Regina nunca se casara, os pais dela não eram mais vivos, e seu único irmão morava fora desde a juventude.

Regina considerava a mim e a meus filhos como sua própria família, era de casa e participava conosco de todos os eventos familiares, sua presença se tornara uma tradição. Regina estava também prestes a completar sessenta anos, somos muito amigas, falamos sobre tudo desde sempre, e juntas passamos por

muitas experiências mesmo tendo vidas tão diferentes.

Mal comecei a tomar café, Susana ligou querendo saber se podia entrar de carro na garagem do prédio. Será que a filha tinha trocado o carro? Nunca pedira isto antes. Avisei ao zelador para deixá-la entrar.

Em seguida, o telefone tocou de novo, era Sérgio. A ligação estava péssima, ele falou duas palavras e disse que voltaria a ligar mais tarde. Apesar de ser domingo, estava no trabalho para um evento e quando voltasse a ligar queria também falar com a irmã.

Lá estava eu folheando o jornal, parei na sessão de obituários para ver se tinha alguém conhecido, recentemente adquirira este hábito. Pensando bem, era um horror, mas sempre achava um conhecido, o que era pior ainda, resultado dos tempos, ou melhor, da idade, mas não queria pensar nisto agora, resolvi pensar naquele dia como um almoço de família, em como era ótimo poderem estar todos juntos ali, quase todos, é verdade. Não podia deixar de sentir a ausência de Sérgio e também de Saul, meu companheiro de tantos anos, mas estava ali, com a família, todos trabalhando, com saúde, passando por uma fase muito mais tranqüila agora e o melhor, aguardando a chegada da neta. Eu me sentia privilegiada.

Mais uma ligação. Era Ruth, colega de piscina, fazíamos hidroginástica juntas. Eu começara havia um mês a freqüentar as aulas nas piscinas do clube, Ruth foi simpática desde o primeiro dia e logo me convidara para um café, ligou para cumprimentar-me pelo aniversário e também para dizer que na terça-feira, próxima aula, haveria um lanche para os aniversariantes do mês e eu não poderia faltar. Ficou combinado que cada um levaria um prato, e confirmei que estaria lá... Não estava muito animada, afinal, não conhecia ninguém além de Ruth, mas como poderia dizer não para tanta gentileza?

Aos poucos, todos foram chegando. Primeiro Regina, que chegou mais cedo como havia combinado comigo, para ajudar com os pratos e com o forno. Trouxe de presente uma echarpe, muito bonita, rosa, minha cor favorita.

Em seguida, chegaram Samuel e Lili, que já estava barrigudinha e fazia questão de mostrar a gravidez, contente, exibindo a barriga como uma medalha. Daniel não estava com eles, tinha ido à aula de *Bar Mitzvá* (*maioridade religiosa dos meninos judeus, que acontece aos treze anos*) e a mãe de um colega daria uma carona para ele até minha casa. Aproveitei para perguntar a Samuel se já

tinham programado quando e onde seria o *Bar Mitzvá* de Daniel. O filho não sabia muita coisa, já que quem estava cuidando do assunto era Adão e a família de Shirley, mas deveria ser só dali a seis meses, logo depois da chegada do bebê, enfim, seriam muitas emoções para os próximos meses.

Mas, afinal, onde estava Susana? Tinha sido a primeira a ligar e até agora nada, dali a minutos o celular de Samuel tocou: era ela, pedindo que o irmão a ajudasse no carro, parece que vinha carregando uma caixa. Susana vivia se livrando de roupas e sapatos e volta e meia aparecia com caixas e caixas para que eu doasse no trabalho voluntário. Mas justo hoje vinha com uma dessas! Bem, Samuel foi até a garagem, enquanto eu terminava tudo por ali e ouvia Lili contando sobre os preparativos para a chegada do bebê. Tinham escolhido o hospital e estavam agora preparando o quarto. Sobre o nome da criança, nenhum comentário. Daniel, que também havia chegado, participava entusiasmado da conversa sobre a irmã. Surpreendi-me com meu neto, envolvido no assunto e Lili o estimulava, contando os detalhes e até pedindo sua opinião.

Susana e Samuel chegaram carregando não uma, mas três caixas. Daniel dançava sem parar em volta dos pacotes que foram deixados no meio da sala e gritava: “Surpresa, Vó! Surpresa!” Lá estava eu sem entender nada, foi então que Susana falou que o que trazia era o presente de todos para mim: um computador com impressora!

Emudeci. Um computador? Nunca pensara em ter um, aliás, nem sabia o que fazer com um! Como usar? Como ligar? Eu não fazia a menor idéia! Nem sabia direito para que servia ter um computador em casa.

Daniel continuava berrando: “Gostou Vó? Você não vai abrir? Posso ajudar?” Estavam todos em pé, reunidos em volta do computador e olhando para mim, ali, parada, sem saber o que dizer nem por onde começar. Tudo o que conseguia pensar era: Será que eu sou capaz de usar um computador? Samuel logo se ofereceu para montar, Lili começou a falar que seria ótimo, Regina falou que usava o do clube para pagar contas, entrar em contato com o irmão e com uma prima americana. Nunca minha amiga havia mencionado esse assunto antes.

Minha filha tirou-se do transe perguntando de repente: “Não gostou mãe?” E mais uma vez todos olharam para mim. Assim, meio sem jeito, respondi:

“Filha, claro que gostei, só não esperava essa surpresa”! Porque não almoçamos agora e depois vemos.

Como todos estavam famintos, não foi preciso falar duas vezes. Logo se sentaram à mesa já posta, o almoço transcorreu tranqüilo, cada um com suas novidades da vida cotidiana, o computador ficou momentaneamente esquecido.

Sérgio voltou a telefonar, falou com Susana e percebi que os dois haviam combinado sobre o presente. Pelo visto tinha sido idéia de Susana, Sérgio a apoiara. Samuel, menos paciente, costumava concordar com o que a irmã sugeria, principalmente quando o assunto eram compras. Lili também havia incentivado a decisão, ou seja, os filhos, a nora e até Regina achavam mesmo que eu podia ter e usar um computador, que era capaz de usar aquele equipamento. No entanto, eu estava paralisada e não me sentia pronta nem para pensar sobre o assunto.

A tarde passou muito rápido com as conversas e novidades de todos e ainda os elogios para o almoço, com um cardápio de pratos favoritos. Samuel e Lili precisavam ir, ainda tinham que deixar Daniel em casa. O filho prometeu voltar durante a semana para instalar a máquina.

Susana também tinha que sair, mal consegui conversar a sós ela, que estava agitada e tensa como sempre. Durante o almoço e a tarde, atendera o celular umas quatro vezes. Tinha que descobrir o que tanto a perturbava.

Ao final, ficou Regina e só assim me senti mais à vontade para externar o medo daquela novidade que me afligia. Regina me incentivou, disse que não era difícil, só uma questão de treinar e ter paciência, mas nada do ela falava parecia fazer sentido.

Estava muito cansada, resolvi pensar em tudo isto depois, a cabeça girava, as pernas doíam, pela casa os vestígios do almoço, e ali, no meio da sala, as caixas. Regina se ofereceu para ajudar, agradei e dei uma desculpa, dizendo que a diarista viria no dia seguinte para ajeitar tudo e enfim fiquei só, sentada com as caixas.



## Capítulo Seis

*Ainda a data.*

*Então olhei eu para todas as obras que as minhas mãos haviam feito como também para o trabalho. Que eu aplicara em fazê-las; e eis que tudo era vaidade e desejo vão, e proveito nenhum havia debaixo do sol.*

*Eclesiastes 2,11.*

Acordei mais descansada e tranqüila, logo cedo Samuel ligara dizendo que viria à noite fazer a instalação do computador e só assim me animei a arrumar tudo que estava revirado. Acabei me distraindo durante todo o dia, sem me lembrar da existência do computador, a não ser pelas caixas encostadas em um canto.

Samuel chegou apressado lá pela sete e meia da noite trazendo ferramentas, fios e um monte de outras coisas e em meia hora deixou tudo instalado e, segundo ele, funcionando. Era só usar, simples assim.

Tentei conversar com o filho sobre meu receio de poder usar o equipamento, sobre a novidade e o que deveria fazer, mas ele não tinha tempo, pediu desculpas e saiu falando que era melhor eu ligar para Susana que tinha tido a idéia e também que conhecia melhor o assunto.

Mas a verdade é que eu não me sentia confortável, não tinha coragem de falar com Susana sobre meu receio, ia parecer que eu não havia gostado do presente. Conhecia minha filha, ela nunca entenderia por que eu tinha medo, diria que era só uma máquina e que tudo era uma bobagem e que eu continuava a me comportar como uma refugiada, sempre me recusando a sair do mundo doméstico e a evoluir. A cabeça doía só de pensar, acabaríamos brigando e, além disso, eu continuava preocupada com ela.

E se falasse com Lili? Nós nos dávamos bem, ela era paciente e menos dramática. Mas perturbaria a nora grávida com isto? Seria muito egoísmo da minha parte. Sentia-me confusa, não sabia com quem conversar sobre o assunto.

E Sérgio? Ele não entenderia, afinal, estava lá nos Estados Unidos, onde computadores e tecnologia deviam fazer parte do cotidiano de todos, ou pelo menos assim eu imaginava. O filho acharia tudo uma besteira e não entenderia meu medo.

Para falar a verdade, eu não sabia exatamente o que estava sentindo, se era medo, insegurança, preguiça, cansaço, uma mistura de tudo isto que incomodava, formando um bolo que passeava entre a cabeça e o estômago.

Como eu podia pensar em começar a aprender a lidar com um computador que ganhara no aniversário de sessenta anos? Aliás, não era um presente inadequado? E se o trocasse por uma máquina de costura nova? Ou de tricô? Sempre quis ter uma. Não estava na hora da vida de bordar e fazer tricô para os netos? Ou artesanato? Trabalhos voluntários? Mas, informática? Nem sabia direito o que precisava para aprender aquilo, afinal, eu não tinha estudado o suficiente, a duras penas tinha feito o primário em uma escola pública e muito cedo interrompi os estudos para trabalhar e ajudar a família. Não teria como aprender se não tinha base para aquilo, pior ainda, se tinha vergonha de não ter estudado.

Eu sabia que tinha sido um pouco preguiçosa e desleixada também, poderia ter me esforçado mais e estudado à noite ou ainda depois que as crianças estavam maiores, mas, primeiro o pai e depois o marido não achavam importante, não tinham sido incentivadores, eu nunca pude pagar sozinha pelos estudos e, assim, o tempo foi passando. Agora era tarde, não tinha estudado, não tinha uma profissão e não era capaz de lidar com aquela máquina, que ali estava ocupando espaço no quarto. Não sabia nem como ligá-la. Será que Clarice me ajudaria? Falaria com ela na próxima sessão de terapia.

## Capítulo Sete

### *Terapia*

*Não digas: Por que razão foram os dias passados melhores do que estes;*

*Porque não provém da sabedoria esta pergunta.*

*Eclesiastes: 7,10.*

Havia iniciado a terapia um ano e meio antes. Eu nunca havia pensado em consultar um terapeuta na vida, mas depois de todas as turbulências da doença e do falecimento de Saul, a mudança de casa, a separação de Samuel e as brigas com Susana, eu havia ficado muito deprimida e nem percebera.

Como filha de sobreviventes, tinha passado toda minha infância rodeada de fantasmas que eram meus próprios familiares. Meus pais choravam de saudades da família deixada para trás e a morte dos parentes na guerra. O luto fazia parte do meu cotidiano. Depressão não era uma doença, sendo até mesmo difícil de identificar, pois fazia parte naturalmente da minha vida.

Sempre vi a depressão como um estado de espírito resultante de tantos episódios de estresse do momento de vida que estava passando, mas os sinais da doença foram se agravando: tinha enxaquecas quase diariamente, alternava suores com tremores e tinha insônia constantemente. Quando procurei a médico, ele diagnosticou a depressão. Por três meses, foram várias tentativas com medicamentos, mas meu organismo respondia ora com reações muito intensas, ora sem alteração.

O médico havia sugerido inicialmente que os medicamentos fossem acompanhados de terapia, mas eu resisti, não conseguia me enxergar nesta situação de análise terapêutica, tinha medo, um pouco de vergonha e, para falar a verdade, ainda achava que tudo passaria e que era uma bobagem pensar que a terapia pudesse ajudar. As tentativas com remédios não me fizeram melhorar e meus filhos, vendo que eu estava emagrecendo e não reagia, vinham insistindo para que eu fizesse um tratamento mais adequado, mas eu continuava relutante, dizendo que ia passar.

Conversando com Regina, ela sugeriu um programa assistencial que conhecia e era vinculado ao mesmo local em que trabalhávamos como voluntárias e insistiu para que eu fosse ao menos conversar com uma profissional somente para uma tentativa, sem compromisso. E ela se ofereceu para me acompanhar.

Depois de três horários desmarcados e das ameaças de Regina, que dizia que não falaria mais comigo, finalmente resolvi ir à entrevista. O programa era coordenado por uma voluntária, que na entrevista inicial fez perguntas práticas de como era minha vida atual e passada, como era a família de origem e a formada e ainda quis detalhes de como era meu cotidiano e da saúde em geral. Só ao final da entrevista é que mencionou que marcaria um horário para uma sessão inicial com a doutora Clarice, psicóloga, também voluntária e engajada no mesmo programa assistencial. Isto significava que eu teria o custo da sessão subsidiada, o que era bastante interessante, já que a questão financeira sempre era um dos motivos de preocupação.

Por intermédio da voluntária, foi feito o encaminhamento para Clarice, e tudo o que eu precisava era ligar e acertar o horário da sessão que me fosse mais conveniente. Demorei um mês, pura falta de coragem, estava insegura, com medo, com vergonha e não conseguia me decidir. Só pensava que não saberia o que falar a uma estranha, não sabia o que a terapeuta perguntaria e ainda achava que tudo aquilo passaria. Afinal, o que poderia alguém fazer pela minha vida? Resolver meus problemas? Pagar minhas contas? Sentir por mim? Chorar minhas saudades? Era só uma fase ruim, com força de vontade eu a superaria, como fiz quando perdi minha mãe e meu irmão.

Susana ligava todos os dias, não tinha outro assunto, só queria saber se eu tinha marcado a consulta, ofereceu-se para ligar ela mesma e acompanhar-me. Não parava de me atormentar, eu estava a ponto de mentir.

Depois de sofrer uma noite inteira com insônia e com uma angústia que me fazia chorar sem parar, estava tão desanimada que mal conseguia levantar, enfim admiti que houvesse mesmo alguma coisa errada, mesmo tomando os remédios, estava naquele estado. Liguei agendando a consulta e duvidando que aí estivesse a solução.

## Capítulo Oito

### *Terapia de Novo*

*O que é, já existiu; e o que há de ser, também já existiu;*

*E Deus procura de novo o que já se passou.*

*Eclesiastes 3,15.*

Clarice tem cinqüenta e quatro anos, mas eu acho que não parece. É baixinha do tipo *mignon*, branca, cabelos cor de laranja e com muitas sardas, parece uma dessas bonecas de pano com óculos enormes, um tipo bem europeu. Ela também é filha de imigrantes judeus e sempre achei que isso ajudaria muito, principalmente no entendimento de alguns aspectos educacionais e costumes culturais ligados à família. Clarice é divorciada há mais de dez anos e tem só uma filha, que atualmente mora e estuda no exterior, não lembro bem onde. Há cinco anos, Clarice mantém um relacionamento com um outro terapeuta, são namorados, cada um mora em sua própria casa.

Soube de tudo isto durante as sessões, o que só foi possível porque Clarice faz um trabalho na linha *junguiana*, mesclado com intervenções de trabalho corporal, e, desta forma, em alguns momentos do tratamento há uma maior interação entre o terapeuta e a paciente.

Essa metodologia me agradou e achei tudo surpreendente, muito diferente do que imaginava; nada de ficar deitada no divã sem encarar o terapeuta e falar sem parar, ou pior, não falar nada. Senti-me muito à vontade logo na primeira entrevista, foi como uma conversa informal, na qual falei sobre a vida cotidiana e Clarice também foi naturalmente expondo a sua.

Até conhecer Clarice, não sabia que existiam outras formas e possibilidades de trabalho terapêutico; para mim este era um universo completamente desconhecido que eu ignorava. Nunca me interessara pelo assunto e tinha uma visão estereotipada que assistia nos filmes da televisão, sempre mostrando o paciente deitado em uma posição de certa desvantagem, sem qualquer contato visual e, muito menos, físico.

No consultório, Clarice atende pacientes de várias idades, mas muitos deles são idosos. Soube depois que era uma das especialidades dela atuar com a terceira idade, e que também leciona na Universidade e o assunto foi tema de sua tese de doutorado. Ela tem uma experiência profissional interessante, muitas vivências no assunto, é uma profissional extremamente interessante e

um ser humano excepcional, que aprendi a admirar e respeitar.

Identificamos-nos mutuamente e até descobrimos algumas experiências comuns de educação, infância e adolescência, em especial sermos filhas de imigrantes. Clarice nasceu no Brasil. Quando os pais dela aqui chegaram, a mãe estava grávida, mas, a família tinha as marcas da educação de sobrevivência com a principal diferença que Clarice tinha tido mais oportunidades, pois eles chegaram aqui com uma situação financeira melhor. Os pais haviam estudado e se formado na Europa e ela mesma teve a oportunidade de estudar, era uma doutora e tinha outros horizontes.

Apesar da identificação inicial, fiquei um pouco arredia, não queria ser tratada como um caso em estudo, Achava minha vida normal e não me sentia uma paciente. Continuava a insistir que não estava doente, era apenas uma fase difícil. Com o passar do tempo, fui me soltando e, Clarice começou a mostrar como o processo podia me ajudar. Consegui sentir como era importante aceitar a liberdade e a individualidade de Susana, vi como somos parecidas, apenas com vivência em épocas diferentes, e passei a cobrar menos que a filha tivesse outra atitude. Assim, as brigas diminuíram e consegui melhorar a comunicação entre nós.

Foi na terapia também que consegui, pela primeira vez, admitir a hipótese de Sérgio ser homossexual, apesar de até o momento ainda não ter tido coragem de abordar o assunto com ele ou com qualquer outra pessoa.

Aprendi também a aceitar o novo relacionamento de Samuel e a lidar melhor com Lili, que vinha de uma família completamente diferente da nossa e ainda, o que era melhor, Clarice tinha feito com que eu percebesse como havia evoluído nestes assuntos e como havia me tornado mais flexível em comparar a vida real dos meus filhos com o que nós, Sônia Mãe e Saul Pai, havíamos idealizado para eles.

Com um ano e meio de tratamento, eu tinha superado a fase aguda da depressão e agora, em tempos mais calmos, Clarice começara a direcionar as sessões para as expectativas futuras. Eu me sentia muito cansada e ultimamente só falava no tempo que havia passado muito rápido, sobre como não sou mais bonita, não tenho mais juventude e a dúvida sobre como viveria dali para frente. Não tenho expectativas claras sobre a vida e também não sei bem o que fazer com o tempo disponível, por isso me sentia sem rumo.

Agora, não tenho mais de quem cuidar, que é o que faço melhor. As atividades rotineiras não me tomam mais que duas ou três horas por dia. No restante do tempo, fico por aí olhando as vitrines, vou ao clube, à reunião do trabalho voluntário uma vez por semana, mas estas são atividades que faço quase que mecanicamente, sem envolvimento, e que não me proporcionam prazer.

Clarice vinha insistindo que esta era uma época para cuidar de mim. Eu, que havia cuidado de todos na família, agora era minha vez, tinha que descobrir o que queria fazer, quais eram meus desejos e expectativas. Ela insistia em perguntar o que me traria prazer e desafio.

Não conseguia pensar em mim mesma como merecedora desse tempo, nunca fui o centro de minha própria vida, nem dona da minha vontade e não sabia realmente o que eu queria. Tentava explicar para Clarice que sem minha família, não sabia o que fazer e como me movimentar. Foi nesse momento do processo terapêutico que resolvi contar a Clarice sobre o computador.

As sessões de terapia aconteciam sempre às quartas-feiras pela manhã e hoje, sábado, eu ainda estava pensando sobre o que conversamos. Clarice fora muito dura comigo, dissera que para que eu visse sentido na vida, precisava do exercício do medo, fosse ele qual fosse. O medo era um velho e conhecido sentimento e, segundo Clarice, um mecanismo com o qual eu sabia lidar muito bem e acabava por canalizar toda minha energia para o medo do momento e sofria as dores e os pesares da existência através desse processo: ia substituindo um medo pelo outro para me sentir viva.

Fiquei sem ação diante das palavras de Clarice: primeiro veio a mágoa, e depois uma grande raiva. Afinal, o que sabia aquela mulher sobre medo? Tinha os pais vivos e saudáveis, tinha estudado, atuava na profissão, era independente, se livrara de um casamento fracassado e vivia um novo relacionamento afetivo. Tudo isso, enquanto eu havia passado muitas dificuldades, sobrevivido à custa de muito trabalho desde a infância, perdido todos os familiares, pais, marido e irmão. E agora me via sozinha, como nunca tinha estado na vida. Eu podia ter medo.

Clarice tinha ido mais longe ainda, desafiava-me, dizendo que enfrentar o medo do novo, no caso atual, do computador, seria como enfrentar os medos da vida e que se eu conseguisse transpor esta barreira, deixaria de me sentir

uma sobrevivente, órfã, viúva e pobre. Deixaria de choramingar por todas as adversidades ao mesmo tempo.

Não concordava, primeiro porque não me sentia capaz de enfrentar, não tinha energia, no caso específico do computador, não tinha mesmo capacidade e conhecimento. Eu era pouco alfabetizada, como poderia lidar com aquele equipamento complicado? E pior, para quê? Não via necessidade me lançar na nova aventura a esta altura da vida.

Clarice enumerou um mundo de possibilidades: corresponder-me com amigos novos e antigos, ler notícias sobre toda sorte de assuntos, ter contatos com a comunidade, realizar trabalhos voluntários, culinários e imagine... Até encontrar uma paquera e um novo relacionamento!

Continuou ainda, dizendo que ignorar esta possibilidade era admitir que fosse mesmo ignorante, recusando-se a aprender e que hoje, saber informática era como ler e escrever. Insistiu que eu não poderia me alienar desta forma mais uma vez e ficar somente resmungando pela solidão e chorando por um tempo passado que não voltaria.

Estava assim, com a cabeça girando em meio ao turbilhão de pensamentos, quando Susana apareceu para o almoço. A filha estava agitada, como sempre, teria que trabalhar à tarde apesar de ser sábado, ficou por ali contando as novidades da semana, nada de muito importante. De repente, num susto, Susana se lembrou que esquecera em casa o documento que tinha que levar para a tal reunião de trabalho.

Susana não sabia o que fazer. Nervosa, fez várias ligações seguidas, pedindo ajuda sobre o documento e foi no meio da correria que lembrou que poderia usar o computador ali mesmo, na casa da mãe, e buscar seu arquivo na rede do escritório. Eu, quieta, acompanhava as ligações sem entender bem o que estava acontecendo. Não queria me meter.

Susana foi até o quarto onde estava instalado o micro e ali viu tudo arrumado, ou melhor, intocado. Ela percebeu que, passadas várias semanas do aniversário, o presente não havia sido usado.

Ela não disse nada, ligou a máquina, acessou o arquivo, resolveu o problema de trabalho rapidamente e saiu apressada, sem acabar o almoço.

## Capítulo Nove

*Família.*

*Porque, da multidão de trabalhos, vêm os sonhos,*

*E da multidão de palavras, a voz do tolo.*

*Eclesiastes 5,3*

No dia seguinte, Susana voltou, sem avisar, trazendo um monte de papéis impressos e alguns folhetos. Trazia também um livro com o título: “Informática para principiantes”.

Foi logo abrindo todos os papéis com seu jeito prático e agitado e me disse que havia percebido o computador intocado e só aí é que se dera conta de que eu não sabia nada sobre informática e que para ela era tão comum que havia esquecido que seria necessário um aprendizado. Ela havia pesquisado vários cursos regulares, alguns professores particulares e ainda cursos específicos para a terceira idade e, por fim, concluiu que seria melhor iniciar com um curso básico para a terceira idade, e eu poderia freqüentar uma turma homogênea, com dificuldades semelhantes, onde a adaptação e o acompanhamento seriam mais fáceis.

A princípio, gostei da possibilidade de ter a companhia de pessoas que, como eu, não sabiam nada de informática. Ainda assim pensei que os outros alunos deviam ter alguma formação acadêmica, mesmo que fossem aposentados. E eu? Não estudara, nunca tinha tido uma formação profissional, sempre fizera trabalhos voluntários para a escola das crianças, ou pequenas atividades, em casa, para ajudar parentes e amigos, nada que exigisse uma qualificação e me sentia completamente insegura quanto aos conhecimentos básicos necessários.

Susana trouxe também outras possibilidades de cursos ligados à comunidade judaica, entre eles o de um colégio que fazia um programa de reintegração ao mercado e profissionalização para a terceira idade. A filha deixou tudo espalhado por ali e pediu que eu ligasse para obter mais detalhes.

Tentei falar um pouco sobre como me sentia a respeito do uso do computador, sobre meu medo e insegurança, mas Susana estava preocupada somente com detalhes práticos, como datas, horários e custos de um curso que eu nem sabia se queria fazer.

Acabei mudando de assunto e perguntando o que ela andava fazendo, por que não aproveitava o próximo feriado para viajar, descansar e se divertir um pouco, perguntei também se ela precisava de alguma coisa para a casa. As perguntas ficaram sem resposta, Susana rapidamente se aborreceu com o assunto e saiu apressada, dizendo que estava atrasada.

Fiquei ali, sozinha com aqueles folhetos espalhados pela sala, juntei os papéis, coloquei em um saquinho e guardei na gaveta. Não queria fazer nada a respeito, não naquele momento. Ainda estava com as palavras de Clarice na mente e como ela mesma dizia, não havia digerido o assunto; estava confusa, minha filha tratava o uso do computador como uma questão operacional, minha terapeuta o transformara numa questão existencial. E eu? O que eu achava sobre tudo isto? Concluí, desanimada, que não sabia.

## Capítulo Dez

*Na rotina*

*Todas as coisas estão cheias de cansaço; ninguém o pode exprimir:*

*Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos se enchem de ouvir.*

*Eclesiastes 1,8*

Sérgio ligou. Eu insisti para que ele viesse para o nascimento da sobrinha e para o *bar mitzvá* do sobrinho, ou pelo menos para um dos eventos, já que seriam muito próximos. Ele não parecia muito animado, registrou mecanicamente meu pedido de mãe e disse que pensaria, mas não sabia se conseguiria férias no trabalho.

Eu não entendia; para mim a família era o que havia de mais importante, eu e Saul abrimos mão de tudo para cuidar da vida familiar e agora cada um dos filhos parecia isolado em seu mundo.

Sérgio não podia programar-se para vir ao Brasil, Samuel parecia não fazer questão da presença do irmão, Susana dissera que não queria intervir no assunto. Enfim, ali estava eu,

Sônia Mãe, praticamente implorando para que os filhos criassem uma convivência e mantivessem os laços familiares. As comemorações não pareciam mobilizá-los, era como um compromisso de trabalho, onde obrigatoriamente tinham que marcar presença. Não davam importância, aliás, é possível que nem se lembrassem no dia seguinte, não havia conexão afetiva. Tudo muito diferente do que eu ensinara e aprendera. Não conseguia deixar de pensar que havia feito algo de errado com meus filhos. Na minha época, as famílias interagiam, todos participavam; agora nós não nos parecíamos com uma.

Os dias se passaram rapidamente e eu me envolvi naquela rotina de sempre, trabalho voluntário, casa, ida ao clube, uma eventual visita a Regina, as preocupações com os filhos... Ia assim conduzindo o dia-a-dia e como os folhetos do curso, engavetara o assunto informática.

A única mudança de rotina foram as sessões de terapia. Clarice havia antecipado as férias, o motivo era a viagem que faria para visitar a filha no exterior. A última sessão tinha sido aquela bronca, quase um ultimato e depois se seguiu um intervalo de um mês. Ela havia deixado o telefone para alguma

emergência. Não indicara um colega substituto, porque sabia que eu nunca procuraria outro profissional, menos ainda, admitiria uma crise grave em que fosse necessário pedir auxílio.

A verdade é que passado este mês de férias, eu nem sabia se queria voltar para as sessões, achava que estava muito bem sem todas aquelas perguntas tumultuando minha mente. Naquela altura da vida, queria ficar tranqüila e não precisava revolver os problemas e o passado, pensando e analisando o que fora ou deixara de ser. Também não precisava resolver naquele momento se voltaria ou não para terapia, o que menos queria era resolver qualquer coisa.

Desde que Saul falecera; tudo que eu me lembrava de ter que resolver coisas, o inventário, a mudança de apartamento, o divórcio do filho, as questões financeiras, enfim, assuntos que antes sequer sabia que existiam. Quando Saul estava vivo, eu nem mesmo tinha um CPF. Nunca tinha tido conta no banco, nem assinara um cheque, o marido cuidava de tudo, sempre cuidara.

Agora, refletindo bem, concluía que tinha mudado muito nos últimos anos, tomando as rédeas de todos estes assuntos. Tudo aconteceu de forma natural, sem muito planejamento e principalmente por necessidade. Susana não tinha tempo, Sérgio morava fora e Samuel, na época, estava no meio do divórcio, mais precisando de ajuda do que em condições de oferecê-la. A verdade é que, naquela ocasião, ou eu tomava uma atitude ou tudo iria por água abaixo. No início fiquei aterrorizada, mas achava que me saíra bem, afinal, antes, tinha muito mais medo que agora. Por não ter alternativas, aos poucos acabei criando coragem.

Clarice sabia disso tudo. Havia acompanhado parte disso de perto, e agora me havia feito rememorar o cenário daquela época, pressionando e fazendo-me ver do que eu era capaz que a coragem estava lá, adormecida. Comecei a achar que Clarice tinha razão.

## Capítulo Onze

*Avó*

*Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras;*

*Tempo de abraçar, e tempo de abster-se de abraçar.*

*Eclesiastes 3,5*

Voltei às sessões somente um mês depois do retorno de Clarice usando gripe e outros compromissos como desculpas, e adiei o retorno o máximo que pude. Ainda me sentia incomodada com aquela última sessão e sabia que Clarice cobraria por uma atitude que eu não havia tomado.

Ao chegar ao consultório, fui logo dizendo que continuava convencida de que não devia me aventurar pelo mundo desconhecido da informática. Clarice foi dura, argumentando que eu não queria o desafio e usava de todas as desculpas para me defender do medo do novo, culpando meus filhos por terem outros interesses, principalmente minha filha, pelos sentimentos de indecisão e medo e por ela achar que eu estava pronta para lidar com a situação. Clarice dizia que eu estava ressentida pela independência e oportunidades que Susana tem e que eu não tive.

Recusei-me a admitir esses sentimentos negativos em relação aos meus filhos e insisti em dizer que tive muita sorte com eles. Clarice concordou, mas insistiu no fato de que meus sentimentos por Susana, Samuel e Sérgio são completamente diferentes. Compara a relação com Sérgio e Susana. O primeiro mesmo estando longe e me visitando uma vez por ano, era tido como um filho cuidadoso e provedor de assistência. Já a filha, que estava perto e prestava assistência diariamente, era tida como ausente. Pensando bem, essa relação lembrava como minha própria mãe agia comigo e com meu irmão.

Ao ressaltar as diferenças entre os relacionamentos, Clarice insistia que eu devia trilhar meu próprio caminho em vez de comparar tempos passados com a vivência atual com meus filhos. E, principalmente, que deveria tentar manter os relacionamentos em harmonia, ver meus filhos como adultos que fazem suas próprias escolhas, apenas preservando as boas recordações da infância deles e da vida familiar. Mas, recordar e até ter saudades não me impediriam de confiar que ainda é tempo de novos projetos, novas relações e aprendizados.

Clarice mencionou vários exemplos de outros pacientes que se reorganizavam após a aposentadoria e a viuvez e insistia que eu tinha que conquistar uma forma menos amargurada de envelhecer. Lamentar o passado e cobrar dos filhos o retorno do investimento afetivo não levaria a lugar algum, só deterioraria a minha qualidade de vida e o relacionamento atual com eles, que cada vez mais se afastavam e me excluía de suas vidas.

Levei esses pensamentos comigo, tentando achar uma direção diferente para mim e para minha vida.

No final de maio, em um dia frio antecipando a chegada do inverno, nasceu Ana, minha primeira neta. Era linda, bem miúda, e quando a tomei nos braços pela primeira vez parecia uma bonequinha, vestida toda em cor de rosa, esperta, com olhos enormes como se quisesse enxergar o mundo todo de uma só vez. Pensei com um sorriso que seria uma menina curiosa.

Nélida fez questão de contar que ela e Samuel escolheram Ana, o mesmo nome de minha mãe, como uma especial homenagem, conforme a tradição entre os judeus *askenazim* (*judeus oriundos dos países da Europa Ocidental*), para os quais é costume dar ao recém-nascido o mesmo nome dos avós ou parentes próximos já falecidos. Fiquei emocionada com o cuidado e com a gentileza da nora e do filho, que sabiam da importância e do valor que esse assunto tinha para mim.

O parto foi difícil e apesar de Nélida e Ana estarem bem, ainda eram precisos alguns cuidados especiais. D.Eliza, sogra de Samuel, veio do interior, para ajudar a filha e passar um tempo com eles.

Decidi que não devia visitar minha neta sem que Nélida me convidasse, não queria interferir na vida do filho, ainda mais com a sogra por lá. Samuel também passou a não vir toda semana, só ligava dando notícias, mas estava cansado com as noites mal dormidas e o ritmo de trabalho.

Susana continuava trabalhando muito, sempre ansiosa e correndo, ligava todos os dias rapidamente entre uma atividade e outra.

Sérgio não veio para ver a sobrinha e parecia mesmo não estar planejando a viagem. Eu tinha saudades dos filhos, mas não queria incomodá-los com minhas queixas.

Daniel via-o pouco; adolescente tinha suas próprias atividades e, com as ausências de Samuel, via-o ainda menos, pois, como ele não participava dos

preparativos do *Bar Mitzva*, o pai de Shirley assumiu o comando do evento. Samuel parecia não se importar, ao contrário, estava aliviado com o fato. Eu não sabia o dia e o horário do evento, não queria me meter, já que o filho não fazia questão e parecia ter delegado o assunto totalmente para a família de Shirley.

Eu estava só, pior, me sentia só, com o tempo frio deixara de ir às aulas na piscina, o trabalho voluntário passava por um processo de profissionalização, ou seja, por ora haviam pedido que as voluntárias aguardassem. As atividades rotineiras que preenchiam minha semana estavam suspensas.

Tinha me dedicado tanto à família, e agora me sentia só, o movimento dos filhos não fazia parte da minha rotina e eu não conseguia me integrar; tinha saudades da época em que eles eram pequenos e que tinha de quem e do que cuidar. Agora, os dias passavam e eu não sabia bem para que estava ali. Passava a maior parte do tempo em casa, costurando, lendo ou vendo televisão.

## Capítulo Doze

### *Amizade*

*Pois se caírem, um levantará o seu companheiro; mas ai do que estiver só,*

*Pois, caindo, não haverá outro que o levante.*

*Eclesiastes 4,10*

Regina era agora minha companhia mais freqüente, sempre estivemos juntas, ora mais próximas, ora nem tanto dependendo do movimento da vida de cada uma de nós, mas nunca passamos mais de uma semana sem nos falar, Regina fazia as vezes da irmã que eu nunca tive, talvez até mais, já que a amizade tinha sido opção de ambas.

Como eu, Regina também estava fazendo sessenta anos, mas, em minha opinião, não parecia, era magra, mantinha o corpo firme e as costas eretas. Talvez por não tiver tido filhos, tenha permanecido mais jovem, no entanto, eu sabia que Regina teria dado alguns anos da vida para ter esse sonho realizado, mas agora que o tempo havia passado e ela não sofria mais com o assunto, era alegre, envolvia-se em várias atividades e gostava de estar sempre muito bem arrumada.

Para a comemoração do aniversário, Regina comprou ingressos para o teatro, uma peça bonita na qual Paulo Autran encenava um velho judeu chamado senhor Green. Combinamos de assistir à peça, nos Jardins, e depois jantar por lá.

Comprei de presente uma bolsa, que Regina disse ter adorado certa vez, quando estávamos caminhando juntas, e eu tinha certeza de que ela gostaria da surpresa. Mal sentamos no restaurante, Regina foi logo falando que tinha uma novidade: começaria a trabalhar dali a uma semana. Ela tinha se inscrito em vários programas de atividades para a terceira idade que algumas empresas vinham montando, estava aposentada havia três anos e passara este tempo em casa, mas agora achava que estava envelhecendo mais rápido sem fazer nada e insistia que mesmo envolvida com atividades voluntárias e de lazer, não se sentia suficientemente ocupada e disse ainda que essa era uma conquista importante porque o trabalho complementaria sua renda.

Eu só escutei todas as novidades, meus pensamentos voavam enquanto

Regina continuava contando que no último ano havia mexido em sua reserva de emergência e com o emprego poderia mantê-la intacta para alguma doença ou para quando não pudesse mais trabalhar.

Mal pude esconder a surpresa. Mas como? Por que ela não mencionara antes? Ela me disse ter ficado acanhada com a questão da situação financeira, não querendo me preocupar com esse assunto e o que tinha decidido mesmo era não ficar em casa, achou que em um primeiro momento não acharia um trabalho remunerado, mesmo assim estava disposta a ir de todo jeito, e foi uma surpresa quando apareceu esta oportunidade, ela estava felicíssima.

Continuou dando os detalhes de como seria a nova rotina, enquanto eu continuava me esforçando para prestar atenção. Trabalharia de segunda a quinta-feira, das oito às cinco e meia e às sextas, das oito às cinco, o local de trabalho não era longe de casa e em quinze minutos de ônibus estaria de volta, poderia até almoçar em casa se assim quisesse.

Ainda surpresa, perguntei o que exatamente ela iria fazer e que tipo de qualificação era necessária. Regina explicou que era um programa especial para terceira idade e a exigência era o primeiro grau, as tarefas eram administrativas e todo o treinamento seria feito pela empresa.

Eu estava incomodada, não podia deixar de pensar que minha companheira estaria agora ocupada o dia inteiro, todos os dias. Claro que eu estava contente por Regina, mas não estava contente comigo mesma, por ser tão egoísta e só conseguir pensar em como ficaria mais só ainda.

Depois da comemoração, nós nos despedimos, eu segui no táxi, para casa, com o coração apertado de solidão e medo, tudo estava mudando a minha volta; eu sabia que tinha que mudar também só não sabia por onde começar.

Já deitada, não consegui dormir, lutando contra pensamentos contraditórios. Como Regina podia fazer isto comigo? Nem mencionara o assunto antes, agora simplesmente vinha com aquela novidade, devia ter algum “pistolão” que a indicou para aquele emprego e não quis me contar, era assim, simplesmente não falara nada e da noite para o dia surgia com a novidade. Fiquei rolando na cama embrulhada em pensamentos egoístas, durante muito tempo, até que consegui chorar um pouco e adormeci.



## Capítulo Treze

*Avó de Novo*

*Já não há lembrança das gerações passadas; nem das gerações futuras.*

*Haverá lembrança entre os que virão depois delas.*

*Eclesiastes 1,1*

Finalmente chegara o dia do *Bar Mitzva* do meu neto. Convidei Daniel para dormir em casa na quarta-feira anterior ao sábado da cerimônia; queria passar um tempo com ele, contar-lhe da família e aproveitar a ocasião para mostrar como era importante a tradição que se perpetuava pelos anos. Na última hora, Shirley ligou dizendo que não seria possível, ainda tinham que buscar a roupa e fazer uma última prova e naquela noite chegariam parentes de seu pai, vindos do exterior. Havia programado um jantar para recebê-los e ela queria que Daniel estivesse presente.

Enfim, o neto não veio. Fiquei muito aborrecida com o fato, principalmente por ser avisada somente na última hora. Era o descaso de sempre por parte da ex-nora.

Tudo no evento girava em torno da família e das vontades de Shirley e de seu pai, e eu me sentia uma estranha. Achava natural certo distanciamento, já que Samuel e Shirley não são mais casados, mas Daniel é meu neto, único neto, eu faço questão que ele tenha as marcas e histórias de nossa família. Sabia que se Saul fosse vivo, nada seria desse jeito.

A festa em si foi só uma continuação desse episódio. Samuel estava lá ao lado do filho, mas visivelmente entediado com tudo e com todos, mal disfarçava o desconforto em ter que interagir com a família de Shirley.

Nélida, sabiamente, não fora. Ela conversou com Daniel, explicando que estava muito feliz com a data, mas que aquele era um momento entre ele e seus pais. Se a irmã, Ana, fosse maior, com certeza participaria junto com o irmão, mas ela era só um bebê recém-nascido que ainda nem saíra de casa pela primeira vez!

Daniel compreendeu, era um menino inteligente e sensível e ele e Nélida se davam bem, e a nora sabia como se comunicar; era sensível e gostava de Daniel.

Susana ligou na véspera dizendo que talvez se atrasasse um pouco e nem mencionou vir me buscar. Na verdade, eu estava com a cabeça nas nuvens, não tinha me programado bem para ir e na última hora acabei ligando para Regina e combinamos de ir juntas.

Eu estava um pouco ressentida com Regina, ela andava meio desaparecida nos últimos tempos, envolvida com o trabalho novo e com novas pessoas que vinha conhecendo, mas não queria chegar sozinha à cerimônia e acabei engolindo minha mágoa.

Na festa, eu não conhecia quase ninguém, uns parentes de Shirley talvez, meu filho estava ocupado dando atenção aos convidados e sendo perseguido pelas câmeras. Da nossa família, praticamente não havia convidados. Samuel não se preocupara em fornecer uma lista, eu não fora consultada, enfim, era uma festa da família e dos amigos de Shirley, nem mesmo seus amigos de infância, Samuel convidou.

Sentia-me deslocada, após a cerimônia, na recepção, passei quase o tempo todo sentada e Regina, afinal, acabou sendo minha única companhia durante toda a festa.

Só encontrei Susana no final da cerimônia. Como se atrasara, acabou sentando ao fundo e só nos vimos na saída.

Minha filha estava acompanhada, uma surpresa. Susana não mencionara nada, será que consultou o irmão sobre levar um convidado? Apresentou Mario, discretamente como um amigo que foi gentil, mas distante. Era um homem alto, cabelo grisalho e rareando em entradas laterais, tinha pele clara e olhos expressivos, parecia ter uns quinze anos a mais que ela, se comportaram durante todo o tempo sem dar sinais de romance ou de grande intimidade.

Essa foi uma das surpresas do dia, a outra tinha sido meu neto, um orgulho. Daniel era um menino especial, apesar de ter sofrido tanto com as desavenças dos pais. Ele cantou lindamente e encantou a todos com sua simpatia e alegria. O que diria Saul Avô?

Saí cedo, cumprindo só o tempo obrigatório da cordialidade. Susana saiu mais cedo ainda. Realmente não me sentia bem, estava angustiada e me sentindo um peixe fora d' água, queria ficar só com meus pensamentos e saudades.

## Capítulo Quatorze

### *Ainda Terapia*

*Porque na muita sabedoria há muito enfado;*

*E o que aumenta o conhecimento aumenta a tristeza.*

*Eclesiastes 1,18*

Cheguei para a sessão com Clarice em busca de colo, pois depois do *Bar Mitzva* eu continuava me sentindo mal, não conseguia comer nem dormir direito.

Não falara com meus filhos desde então, eles não ligaram e eu também não os procurei. Nem mesmo Sérgio dera notícias para perguntar sobre a festa.

Clarice não me deu exatamente colo, ficou preocupada com o desgaste físico e emocional que eu me impunha, mas insistia em dizer que eu devia me concentrar em movimentos positivos. A vida de meus filhos seguia seu curso normal e ia mudando, enquanto o que eu gostaria era que tudo permanecesse exatamente igual, com medo de novas situações e relacionamentos.

Clarice insistia que eu precisava me esforçar para sair dessa posição de queixa em que me encontrava. Sempre colocando nos outros, seja nos meus filhos ou nos amigos, a responsabilidade por minha solidão, enquanto não me movimentava para mudar esta situação.

Como exemplo, Clarice enfatizou a história recente de Regina, que se atirara em um novo desafio, saindo de casa e da rotina, sugeriu que eu me aproximasse ainda mais de minha amiga para conhecer esta experiência e que a tomasse como uma inspiração.

Ainda mencionou como eu devia me alegrar por minha filha estar tentando um novo relacionamento, em vez de encontrar defeitos no companheiro de Susana, e que eu devia conversar com ela sobre essa nova relação, isto só nos aproximaria, enquanto que uma postura crítica a afastaria ainda mais.

Eu sabia que muitas vezes era dura com meus filhos, mas, afinal era a educação que recebi e também na qual acreditava. A terapeuta insistia que naquele momento de solidão, eu acabava por criticá-los ainda mais, o que virava uma bola de neve, afastando-os da participação no meu dia-a-dia.

Saí da consulta mexida: sabia que Clarice tinha razão quanto a minha

inércia, me sentia assim paralisada, não concordava com a postura crítica aos filhos. Eu achava que Clarice estava exagerando, afinal, eu me preocupava e só queria o melhor para eles. Quando eu disse isso, Clarice foi mais dura ainda, argumentando que o que eu achava melhor talvez não fosse e que meus filhos tinham direitos a suas próprias escolhas, com erros e acertos. Ou, afinal, eu havia seguido todos os passos de meus pais?

Fui para casa com estas idéias dançando na cabeça, ainda estava confusa, mas sabia que de alguma forma precisava me salvar. Sim, me salvar! Não sabia bem de que, achava que de mim mesma e de meus pensamentos.

Ao abrir a porta, chutei a correspondência, recolhi os papéis e lá estava um folheto sobre um curso de informática, deixei sobre a mesa, não sem antes pensar que devia retomar o assunto, e o leria depois.

O telefone tocou, era minha filha perguntando se podia passar mais tarde por lá, afinal, não nos víamos desde o *Bar Mitzva*. Fiquei contente e disse que a esperaria para jantar.

## Capítulo Quinze

*Família de Novo*

*Longe está o que já se foi, e profundíssimo; quem o poderá achar?*

*Eclesiastes 7,24*

Por volta das sete da noite, Susana chegou. Estava com roupa de ginástica e me pareceu mais tranqüila que de costume. Perguntei pelo trabalho, ela não tinha trabalhado no período da tarde, estavam de mudança de escritório e por conta disto tivera uma folga, aproveitando para ir à academia.

Pela primeira vez falamos sobre o *Bar Mitzva*. Susana foi logo dizendo como estava orgulhosa do sobrinho, e como Daniel tinha se saído muito bem na cerimônia e com os convidados.

Na conversa, fiquei sabendo que Sérgio ligou para Daniel no dia da cerimônia e também que mandou de presente um desses minicomputadores que o menino tanto queria.

Como eu, Susana também estava incomodada por ter sido uma festa só da família de Shirley. Ela achava que em parte era culpa de Samuel, que não deu a devida importância ao assunto e não valorizou a presença da própria família.

Acabamos por falar das roupas, da comida e demos risadas lembrando dos fotografos que não deixavam ninguém em paz, como se nós fossemos celebridades.

Eu queria muito perguntar sobre Mario, mas estava sem jeito, até que Susana casualmente mencionou o nome dele e aproveitei a oportunidade. Susana me pareceu aliviada ao falar do assunto.

Eles estavam saindo havia quase seis meses, se conheceram em um evento de trabalho. Mario havia saído recentemente de um tumultuado divórcio, dando fim a um casamento de vinte anos. Exatamente como eu pensara, ele era bem mais velho que Susana, dezessete anos, ou seja, tinha agora cinquenta anos, só dez a menos que eu!

Fiquei assustada quando minha filha disse que não tinha tido coragem de contar para mim e para família antes. A falta de coragem se dava por Mario ser bem mais velho, não ser judeu, e ter dois filhos do casamento anterior; um rapaz de vinte e também uma menina de dezoito, Susana achava que a família

não iria aceitá-lo, e eu, Sônia Mãe, menos ainda.

Agora, passados seis meses que estavam juntos, Mario a pressionava para saírem desse segredo que não fazia muito sentido, já que ambos eram livres.

Susana conhecia os filhos e a mãe dele, tinham viajado juntos e nos finais de semana que Mario passava com os filhos, muitas vezes ia com eles à casa de Susana. A filha, no entanto, não o apresentara à família, nem mesmo tivera coragem de falar sobre ele.

Susana acabou por achar que o *Bar Mitzva* seria uma boa oportunidade para levá-lo, sem muitas explicações, pois no dia as atenções estariam em Daniel e na festa.

Conforme ela ia falando, vi um pouco da angústia que tanto me preocupava desaparecer de seu rosto, seus olhos mostravam quase um alívio por compartilhar aquela história e fui me sentindo culpada pelo seu sofrimento, ela tinha guardado parte da sua vida em segredo, por medo da desaprovação da família e principalmente das minhas críticas.

As palavras de Clarice me vinham à mente, mostrando como eu estava mesmo afastando os filhos com minha dureza de julgamento, sem avaliar que muitas das expectativas eram minhas e não pertenciam à realidade deles.

Depois de escutá-la, disse à Susana que muitas vezes a felicidade está onde nem podemos imaginar e se naqueles meses ela estava bem e Mario a fazia feliz, era só o que importava, a mim só restava gostar de quem gostava de minha menina. Susana se emocionou com minhas palavras e acabamos por chorar as duas e depois começamos a rir juntas, o que não fazíamos há tempos.

Susana foi embora e mais uma vez fiquei com meus pensamentos, sentia-me muito melhor depois da conversa. Agora sabia o que perturbava minha filha e consegui também sentir o que Clarice tentava me dizer há meses. Naquela noite, consegui dormir bem como não acontecia há muito tempo.

## Capítulo Dezesseis

### *Medo*

*“Porque não sabe o que há de suceder, pois quem lho dará a entender como há de ser?”*

*Eclesiastes, 8:7*

Acordei cedo no dia seguinte me sentindo bem e disposta, parecia que uma nuvem tinha saído da minha frente, fazendo da nebulosidade, dia claro.

Vi sobre a mesa o folheto do curso de informática, fui lendo enquanto tomava o café quente. As inscrições seriam na próxima semana, início de julho, e as aulas começariam na primeira semana de agosto. O preço era simbólico, resolvi ligar e pedir algumas informações, não era necessária nenhuma formação específica e para inscrição bastava uma foto e um comprovante de residência. Mesmo assim, quando a moça me pediu o nome e o telefone, eu disse que voltaria a ligar depois e não me identifiquei.

Resolvi ligar para Regina, convidando-a para um chá, queria saber sua opinião, ou melhor, queria que a amiga me ajudasse a decidir, e talvez ela conhecesse alguém que tivesse freqüentado o curso anteriormente e que pudesse me dar mais informações.

Regina ficou entusiasmadíssima com a idéia, não parava de dizer que eu já havia perdido muito tempo, passados mais de seis meses do meu aniversário, quando ganhei o computador e o equipamento continuava intocado e empoeirando. Regina conhecia duas pessoas que tinham freqüentado o curso no ano anterior, e, segundo ela, tinham gostado muito.

Pedi que Regina me acompanhasse para fazer a inscrição, a amiga logo se prontificou e marcamos para a semana seguinte, pedi também que ela não comentasse com os filhos, pois eu não queria muitas perguntas a respeito, afinal, faria uma tentativa. Caso me adaptasse, ótimo, caso não, não me sentiria pressionada a dar explicações. Preferia assim.

Passamos o resto da tarde juntas falando sobre amenidades. Regina contou um pouco do trabalho, que era bem interessante, mas também muito cansativo, ela estava se adaptando aos novos horários e rotina. Apesar de gostar, sentia falta de um tempo livre, mas não se podia ter tudo e ela tentava reorganizar os horários para conciliar o trabalho com outras atividades que gostava de fazer.

Falei dos filhos, das poucas notícias que tinha e que naquele dia Sérgio

havia ligado depois de quase duas semanas e voltou ao assunto da viagem. Eu achava que agora não era o momento, pois tinha decidido fazer algumas mudanças e preferia esperar. Adiei o assunto, dizendo a Sérgio que estava fazendo exames e ocupada com a casa e que não sabia ao certo quando poderia ir. Apesar de estar com muitas saudades do filho, eu tinha ficado contente em conseguir optar por viajar em outro momento, me sentia mais forte para decidir o que queria e colocar os limites que eram bons para mim.

Quando voltei a ver Clarice, tinha muitas novidades. As aulas começariam no dia seguinte, Regina foi comigo fazer a inscrição e o atendimento tinha sido ótimo, o que tinha me deixado mais animada com o curso.

Clarice mal pôde acreditar, disse que sabia que eu encontraria um caminho, que sempre soube que eu tinha minhas próprias respostas, afinal, eu era uma sobrevivente com coragem nas veias e que estava passando por um momento de fragilidade.

Clarice ficou visivelmente radiante com minha decisão, e disse que eu deveria me preparar para o desafio. Conheceria novas pessoas, e teria que passar por um aprendizado que teria dificuldades naturais, e eu precisava saber de tudo, para que não desistisse no primeiro obstáculo. Deveria encarar o curso como uma atividade prazerosa sem o peso do dever e da obrigação, isto deixaria tudo mais fácil. Eu dei um primeiro passo, agora precisava construir o assunto para que me sentisse segura e mais: precisava gostar, só assim persistiria e aproveitaria a atividade.

Contei também para Clarice a decisão de por ora não planejar a viagem para visitar Sérgio, poderia fazer isto em outro momento.

Enfim, mais uma vez ela me apoiou em tudo e deixou claro como era importante que eu sentisse que minha decisão foi coerente com aquilo que eu sentia.

Voltei para casa mais tranqüila, depois da conversa, eu parecia ter resgatado minhas energias, há muito não me sentia tão disposta e tão leve. Inaugurava uma nova fase, estava um pouco ansiosa, é verdade, mas era aquela ansiedade boa de quem tem uma expectativa e não da falta dela.

## Capítulo Dezessete

### *Mudança*

*Afasta, pois do teu coração o desgosto, remove da tua carne o mal porque a mocidade e a aurora da vida são vaidade.*

*Eclesiastes 11:10*

Tinha chegado o dia do início do curso. As aulas seriam às terças e quintas, do final da tarde ao início da noite.

Estava um pouco ansiosa, verifiquei o trajeto do ônibus para ida e volta e levei dinheiro para voltar de táxi, se fosse preciso. Essa questão de transporte sempre era uma preocupação, tanto que acabei chegando um pouco cedo, com receio de me atrasar.

Aos poucos foram chegando os demais alunos, ao todo dez. Pontualmente chegou Ricardo, o professor, um rapaz de uns vinte e poucos anos. Logo contou que trabalha em uma empresa na área de informática e esta era sua quarta turma na escola, sempre para iniciantes, e como ele disse brincando, já iniciados na vida.

Ricardo fez com que todos se apresentassem dizendo o nome e o motivo pelo qual desejavam fazer o curso. Assim, fiquei conhecendo a turma: eram duas moças, Sandra e Alice, de uns quarenta e poucos anos que vinham juntas, tinham resolvido aprender por curiosidade e também porque os filhos passavam muito tempo no computador.

Apresentou-se depois um senhor, Rubem, uns cinqüenta e poucos anos, contador, que precisava se reciclar para o trabalho. Duas outras moças, Carmen e Marlene, de uns quarenta anos, estavam voltando ao mercado de trabalho depois de interromperem a carreira para cuidar dos filhos.

Lea, Gina, José e eu formávamos a turma dos sexagenários, que não deram muitos detalhes do que faziam atualmente, estavam lá para aprender. Uma outra menina, Renata, acompanharia a turma, estava estagiando para dar aulas como Ricardo. Este era o grupo.

Ricardo deu as instruções iniciais, acomodou cada um na sua máquina e começou “Do começo”. Deixou todos à vontade, dizendo que nenhuma pergunta era absurda e que o objetivo era aprender.

Gostei do rapaz, era atencioso e didático e, melhor de tudo, não tinha pressa. Resolvi anotar tudo para poder praticar em casa e afinal usar o computador, que estava empoeirando.

Na saída, descobri que Gina e José pegariam o mesmo ônibus que eu e mesmo sendo a última a descer, fiquei mais tranqüila por ter companhia.

Cheguei a casa menos ansiosa, gostei da aula e do grupo e surpreendentemente não me senti desconfortável. Ainda no ônibus descobri que, como eu, Gina era dona de casa e cuidou da família a vida toda. José, um recém-viúvo, havia perdido a esposa há menos de um ano, resolveu fazer o curso para se distrair. Atualmente estava aposentado, depois de muitos anos de trabalho com comércio e confecção.

Enfim, descobri pontos em comum com minha vida e as palavras de Clarice me vieram à mente, mostrando que a terapeuta tinha razão.

## Capítulo Dezoito

### *Medo de Novo*

*Outra vez me volvi e vi vaidade debaixo do sol.*

*Eclesiastes 4:7*

A primeira aula havia sido uma introdução, uma explicação do que o grupo faria durante o curso e uma apresentação de todos. O assunto não havia sido iniciado e, para mim, ainda permaneciam as inquietações relacionadas à capacidade de aprendizado que teria.

Resolvi pensar nisso depois, tinha gostado da turma e por enquanto isso era suficiente. Queria ir devagar, continuava pensando no que Clarice dissera sobre tentar tornar o curso um prazer e não uma obrigação.

Tratei de ligar para Regina, queria agradecê-la por ter sido tão companheira mais uma vez nesta vida e também, de certa forma, a inspiradora para que eu encarasse o desafio.

Reorganizei meus horários para me adaptar ao curso e manter as sessões com Clarice, tentando não ficar tão cansada. Ultimamente, vinha sentindo mais cansaço que o habitual. Não havia nada errado com minha saúde, o “check up” indicara que tudo estava normal, mas, mesmo assim, o médico havia receitado umas vitaminas e orientado para que eu observasse meus limites e principalmente voltasse a fazer uma atividade física, o que, como eles não cansavam de repetir, era importante para manter o ânimo e a vitalidade.

Na segunda aula, Ricardo entregou as apostilas do curso e iniciou as orientações de como usar a tal máquina, como ligar, desligar, usar o mouse, como era difícil o mouse! Aquele negócio parecia ter vida própria... Eu, completamente desajeitada, mal tocava o bichinho, tudo na telinha mudava e já não sabia o que fazer.

Ricardo encerrou a aula dizendo que todos deveriam treinar em casa, pelo visto esse seria o discurso de sempre, como o médico e a atividade física. Antes que eu terminasse minha crítica mental, ele completou com o “se possível”. No ônibus, Gina e José comentavam sobre a aula, que não pareciam ter achado tão difícil. Gina praticaria na casa da filha e José não sabia ainda como faria, teria que se virar, já que não tinha um computador. Preferi não

falar nada, achei tudo difícil e quanto à máquina, pareceria arrogância dizer que tinha um computador intocado em casa.

Tentei treinar em casa, mas só de ligar o computador já não deu certo, tudo era diferente, não consegui repetir o exercício da aula, me atrapalhei com o mouse, enfim, tudo muito mais difícil ainda do que na aula. Será que deveria falar com o professor? Não tivera coragem ainda de contar para meus filhos sobre o curso e nem podia recorrer a eles para um auxílio. Para falar a verdade, continuava me sentindo muito cansada, sem paciência e não queria pensar em nada.

Na aula seguinte, tentei acompanhar tudo, anotando e pedindo a Ricardo que repetisse algumas partes, mesmo assim voltei para casa e quando tentei praticar, nada deu certo! Neste dia, na volta, estávamos eu e José, Gina faltou à aula e José acabou comentando que não tinha conseguido praticar nada, tentara ir ao clube usar a sala de informática, mas o tempo máximo permitido para ficar na máquina eram quinze minutos, a sala ficava lotada de barulhentos adolescentes, mal havia conseguido se instalar e logo foi expulso. Até pensei em sugerir que praticássemos juntos, mas não achei conveniente, pensei que seria um tanto ousado. Se contasse para Clarice esse episódio, com certeza ela diria que eu sou um bicho do mato e que não tinha nada de mais, mas José poderia entender mal e eu não tenho mais idade para esses mal entendidos.

Nem comentaria o assunto com Clarice, aliás, não fui às duas últimas sessões, não tinha vontade de ficar lá, batendo na mesma tecla, acabei cancelando e fui ver a minha neta, algo muito mais terapêutico.

No sábado, Susana trouxe Mario para o almoço. Ela avisou meio de última hora e recomendou que eu não fizesse nada de especial, mas eu sei como é. Ela sempre diz isso. Eu me ocupei arrumando a casa e preparando o almoço, acabei nem tocando nos exercícios e no computador.

O almoço foi tranquilo. Mario era calmo, um contraponto à agitação de Susana, falava baixo e devagar, foi gentil trazendo flores, falou um pouco do trabalho e também dos filhos.

Fiz poucas perguntas e totalmente por acaso descobrimos uma curiosidade: os pais dele haviam morado em uma casa vizinha, na mesma rua que meus pais, sem nunca terem se conhecido e demos risada sobre o assunto!

Susana parecia também mais tranqüila, de alguma forma a aproximação de Mario a acalmava, ficava mais centrada, falando menos do trabalho e mais descontraída.

Passei o resto do fim de semana em casa descansando. Samuel ligou para me convidar a ir à casa deles, mas acabei dando uma desculpa, não estava com vontade de fazer nada, menos ainda de ouvir as tagarelices de D. Eliza, sogra do filho, que apesar de Aninha já estar com três meses, ainda estava por lá.

Só na véspera da aula é que percebi que nem tinha tocado no material, nem mesmo praticado, como o professor recomendara. Não estava muito entusiasmada com as aulas, para falar a verdade. O assunto é bem chato, cheio de nomes em inglês, tinha que decorar as teclas, eu não via muita graça naquilo.

Já estava meio sonolenta quando o telefone tocou, eram dez e meia, quem seria àquela hora? Assustada, atendi. Luís, meu sobrinho, filho de meu irmão; pela voz, as notícias não eram muito boas, mas eu nem podia imaginar que eram as piores. Estela, minha cunhada, havia falecido, Luís estava emocionado e rapidamente passou as informações práticas.

Não entendi bem e nem consegui perguntar o que acontecera. Estela tinha cinqüenta e oito anos e que eu soubesse, não estava doente. Teria sido o coração? Luis não entrou em detalhes, não somos próximos, nunca fomos e após o falecimento de meu irmão, o distanciamento só havia aumentado. Fiquei muito triste, apesar de não ter tanta convivência com a falecida, lembrei com saudades de meu irmão e de Luis, filho único, que agora estava órfão de vez.

Será que devia ligar para Samuel e Susana agora? Para Samuel, achei melhor não, afinal, tinha o bebê e não queria acordar minha neta. Resolvi ligar para Susana, talvez ela pudesse ir comigo pela manhã ao velório.

Liguei para Susana e um homem atendeu; desliguei rapidamente e só aí concluí que era Mario. Não esperava que ele estivesse por lá, menos ainda que atendesse ao telefone. Agora eu não poderia ligar de novo, pois ficaria evidente que havia desligado na cara dele e também não queria atrapalhar.

O melhor era tentar dormir um pouco e no dia seguinte ver como fazer. Foi quando o telefone voltou a tocar; era Susana, o primo ligara para ela também,

avisando do acontecido, ela perguntou se eu havia telefonado antes e menti, dizendo que não. Combinamos de ir juntas ao velório o dia seguinte.

## Capítulo Dezenove

### *Ainda Família*

*Visto que muitas palavras aumentam a vaidade, que vantagem tira delas o homem?*

*Eclesiastes 6: 11*

Estela casou-se com Henrique antes de meu casamento com Saul. Henrique, apesar de ser meu irmão mais velho, casou cedo. Estela era de uma família grande, tradicional e também muito rica. Com nossa família, sempre mantivera o distanciamento da boa convivência, sem qualquer envolvimento afetivo, sendo somente educada comigo e com meus pais e mesmo com o nascimento de Luís, o primeiro neto e sobrinho da família, os laços não se estreitaram.

Henrique contribuía para que fosse assim; mantinham apenas o convívio cordial. O menino nunca ficara a sós com os avós ou a tia e sempre que precisavam de alguma ajuda, era à família de Estela que pediam. Quando Henrique faleceu, eu, Sônia, única irmã, fiquei muito abalada, e sem meus pais e meu irmão, não tinha mais a família de origem, e, como esperava, não encontrei apoio e reciprocidade por parte de Estela e Luís, afinal, meu sobrinho sempre fora mantido distante e depois morou e estudou fora, eram praticamente estranhos e Luís nos tratava assim, não era afetivo e carinhoso, estava agora casado e eu nem conhecia a esposa, só sabia que ainda não tinham filhos.

Chegamos ao velório por volta das onze horas. Luís estava só e pudemos conversar um pouco. Para nossa surpresa, ele contou que Estela vinha lutando contra um câncer linfático há cinco anos e fizera algumas transfusões e tratamentos quimioterápicos e, no esforço de tentar vencer a doença, tinha ido para o Rio na casa da irmã. Proibiu Luís e o restante da família de falarem no assunto. Só poucas pessoas sabiam. Estela tinha muita vergonha da doença e insistia que não suportaria que todos a olhassem com pena e tristeza. Passou assim os últimos anos da vida, escondida, alheia ao convívio social e familiar, obrigando a família a fazer o mesmo, escondendo toda a situação.

Luís vomitou a história, não falava havia anos, desabafou, dizendo que os últimos meses tinham sido muito difíceis, insuportáveis, a mãe não aceitava qualquer visita ou ajuda. Só ele, a esposa e a empregada se aproximavam, nem os irmãos ela queria por perto, Estela sempre fora vaidosa, orgulhosa e não

aceitava o fato de estar com a saúde comprometida. Segundo Luís, nunca verbalizou a palavra câncer e ele estava agora, além de esgotado com os últimos acontecimentos, completamente confuso. O casamento dele estava abalado por conta de tudo, a esposa não fora ao velório, estava na praia e ligou dizendo que não voltaria. Emocionado, Luis acabou por confidenciar que a mãe deixara uma carta endereçada a ele em que pedia para ser cremada. Abracei o rapaz, que desabou em um choro convulsivo, vivia realmente muita pressão e agora teria que decidir também a respeito da cremação, que não era uma prática judaica; na verdade, não era aceita pela religião. Por outro lado, Estela tinha sofrido tanto com a doença que ele queria atender ao último pedido da mãe.

## Capítulo Vinte

### *Rotina de Novo*

*Antes que se escureçam o sol e a luz, e a lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva.*

*Eclesiastes 12:2*

Chegaram as Grandes Festas (*período compreendido entre o ano novo judaico: Rosh Hashaná e o dia do perdão: Yom Kipur é um período de reflexão*). Eu detesto essa época do ano, as saudades, as lembranças, tudo misturado às angústias do futuro me deixavam muito mexida emocionalmente e meio aérea. Esse ano, tudo em que eu conseguia pensar era que queria pular essa etapa, sentia-me sem rumo e não tinha sequer vontade de reunir os filhos para o tradicional jantar. Ficava ainda mais desanimada lembrando que desde que Saul se fora, sempre um dos filhos esteve ausente nas comemorações, reforçando as saudades e a impressão de família desfeita.

Ainda me sentia abalada com o falecimento de Estela, fiquei muito incomodada com as decisões da cunhada perante a doença sem nunca querer compartilhar um sofrimento tão longo, e fiquei ainda mais impressionada com a cerimônia de cremação. Luís acabara decidindo atender a mãe. E eu achei que ele estava certo; contei tudo isso para Clarice, que me fez ver que o que realmente me incomodava era pensar em uma doença longa e também nas instruções pós-morte deixadas pela cunhada. Eu nunca havia pensado sobre o assunto nem de forma espiritual nem com relação a questões práticas de ordem material. Aliás, nem Saul pensara e eu fui pega de surpresa, até hoje dependo materialmente dos filhos, e tenho que me limitar ao que eles podem me prover.

Afinal, pensei que tinha mesmo que reunir a família, se eu não o fizesse, os filhos com certeza nem lembrariam da data, cada um com sua vida, imersos no dia-a-dia, sem dar muita importância para as tradições.

Obriguei-me a ligar para todos e organizar o encontro. Liguei também para Regina, que disse ter reservado para mim uma cadeira para a cerimônia religiosa das festas. Eu não tinha a menor vontade de ir, mas sabia que a amiga havia comprado lugares, como eu poderia dizer não?

Era dia de aula de informática, eu havia faltado nas três últimas aulas e se antes já estava difícil, agora seria pior ainda, pensei que talvez fosse melhor

interromper mesmo o curso.

O jantar para comemoração do Ano Novo foi um fiasco. Ana ficou com febre e, por conta disso, Lili e Samuel não vieram; Daniel ficou com a mãe e os outros avós. Susana chegou atrasada e sem Mario, que ficou preso por conta da tempestade que arrasou a cidade no final da tarde.

Com todos esses episódios, o encontro se resumiu a Susana, Regina, eu e uma montanha de comida que levei dois dias para preparar, quase tudo intocado. Decidi que no dia seguinte mandaria tudo para a casa de Lili, pelo menos por lá eles comeriam, já que ali, todas estavam, como sempre, de dieta; além disso, a ausência da família acabara com o apetite.

Conversamos um pouco, mas estávamos cansadas e desanimadas; acabou sendo para todos uma obrigação estar ali. Pensei que a próxima comemoração seria no final de semana quaisquer que fosse a data realmente, afinal, o trabalho, o trânsito caótico e no dia de hoje, chuva, acabavam com qualquer bom humor e espírito de festa.

Ainda assim, Regina era a mais animada, tirou dois dias de folga por conta dos feriados judaicos e agora combinava a ida à cerimônia no dia seguinte. Ameacei dizer que não queria ir, mas Regina foi logo dizendo que não aceitava desculpas e que se não fosse por ela, que eu deveria ir por respeito à memória dos meus pais e este argumento, ela sabia, era imbatível!

Acabei por me convencer e combinamos o encontro para o dia seguinte. Regina e Susana foram embora cedo, às dez horas, deixando-me só com meus pensamentos e lembranças. A família estava desaparecendo e eu não conseguia fazer nada contra isso, estavam se dispersando, como na guerra, cada um para um lado, tentando sobreviver e se esquecendo da convivência.

Eu me sentia impotente diante de tudo e ao mesmo tempo assoberbada com a responsabilidade de cuidar de todos. Ao final, sentia que o sentido da minha própria vida me escapava das mãos, já que não conseguia fazer nada. Em meio aos pensamentos, acabei adormecendo.

Acordei cedo e me arrumei com o vestido que já tinha, mas que quase não havia usado. Era costume estrear uma roupa, mas nem isto eu havia preparado. Regina passaria por lá e seguiríamos para a sinagoga.

O serviço religioso começava por volta das oito e meia. Chegamos um pouco mais tarde, por volta de nove e meia, entramos em silêncio, dali a uma

hora haveria um intervalo e poderíamos cumprimentar a todos.

Sentei-me com o livro de orações fechado, não conseguia acompanhar, estava imersa em pensamentos. O ano passara. Mais um. Eu me sentia só, angustiada, perdida na própria existência, sem rumo. De certa forma, era bom estar pensando tudo aquilo ali, diante de Deus, na data do ano novo.

Despertei do transe com Regina falando, já era o intervalo, saímos para ir ao banheiro, e logo encontrei uma conhecida. Regina se adiantou, seguindo para o banheiro, deixando-me ali. Rapidamente me despedi da pessoa e fiquei ali, esperando Regina retornar, quando ouvi alguém chamando. Era José, o colega do curso de informática.

Ele parecia muito entusiasmado, não se conteve e foi logo me cumprimentando com dois beijinhos e perguntando por que eu havia desaparecido das aulas, que ele ficara preocupadíssimo e que havia procurado pelo meu telefone na secretaria da escola, no entanto, lá não tinham autorização de fornecer o número e ainda acrescentou que havia decidido que, se eu não aparecesse na próxima aula, passaria na portaria do prédio onde eu disse que morava, só para me procurar.

Até me assustei um pouco com ele falando tanto e, meio sem graça, disse que estive um pouco atrapalhada e por isso não fui às aulas. Antes mesmo que eu pudesse explicar e dizer que não voltaria, José pegou uma caneta e pediu que eu lhe desse o meu número de telefone. Eu, ainda mais encabulada, balbuciei os números, ele marcou atentamente, repetindo para conferir e rapidamente foi se despedindo, dizendo que nos falaríamos na aula, e pedindo desculpas pela pressa, mas estava saindo para buscar a neta.

Tudo foi tão rápido que me deixou meio tonta, meio paralisada, e foi assim que Regina me encontrou, parada, olhando para o nada. Ela perguntou se eu me sentia bem.

Claro que eu não mencionei o assunto para Regina, que iniciaria uma lista interminável de perguntas e considerações e eu não tinha a menor intenção de conversar sobre o episódio, mesmo porque não voltaria às aulas e o assunto estaria encerrado.

Ficamos ali mais um pouco, Regina cumprimentando várias pessoas e eu completamente alheia a tudo que estava acontecendo. Participamos da cerimônia até o final e, quando fomos embora, eu disse a Regina que estava

muito cansada, o que era verdade, e não queria voltar para a cerimônia no dia seguinte. Surpreendi-me com ela concordando e dizendo que também tinha ficado exausta e que talvez também não voltasse.

Senti-me aliviada e quando cheguei a casa, estava sem energia. Aquele tumulto, o encontro com José, as questões que me atormentavam, os sentimentos deixados pelo jantar fracassado... Tudo misturado. Tomei um banho quente e fui deitar, adormecendo rapidamente.

## Capítulo Vinte e Um

*Ainda Medo.*

*Porque a palavra do rei é suprema; e quem lhe dirá: que fazes?*

*Eclesiastes, 8:4*

Os dias entre *Rosh Ashaná*, o ano novo judaico, e *Yom Kipur*, o dia do perdão, eram chamados *yemei teshuva*, ao pé da letra, dias de retorno. São dias de reflexão, recolhimento, nos quais se espera fazer um balanço do ano que passou e é pedido para ser inscrito no livro da vida no ano que se inicia.

Aproveitei a introspecção sugerida e mergulhei nela. Praticamente não saí de casa. Susana viajara a trabalho, Samuel estava ocupadíssimo, Lili voltara às atividades depois da licença-maternidade e estava organizando horários e adaptando Ana à creche.

Não tinha com que me ocupar, não saí nem para ir ao supermercado, usei os mantimentos que tinha e o pouco que precisei pedi por telefone. Se aquele era um momento de reflexão, resolvi respeitá-lo; precisava achar um rumo para a vida, sabia que os filhos tinham que seguir seus caminhos. Sabia também que por mais que tivesse feito planos para eles, seguiriam suas próprias escolhas. E eu? Que escolha tinha? Estava embaçada por todas aquelas Sônias que costumava personificar: A Sônia Mãe, esposa, amiga, papéis que se encerravam nesta fase da vida ou se tornavam menos necessários, e eu não conseguia ver a mim mesma !

Sentia-me só e amargurada, parecia que tudo que vivi tinha acontecido com outra pessoa que não existia mais, me sentia perdida, sem vínculos sólidos com o passado e sem projetos para o futuro. A primeira sensação me magoava, como se toda minha existência e todo o esforço tivessem sido inúteis. Quanto ao futuro, tinha muito medo da falta de ajuda, da solidão, do desconhecido.

Enquanto essa turbulência se passava comigo, Clarice insistia que na minha frente estavam todas as possibilidades de ser feliz, eu não conseguia ver nenhuma, continuava presa numa espécie de lama. Parada no ponto final, de onde voltar não podia, e para a frente não seguia.

Os dias se passaram, permaneci assim angustiada, nem mesmo nos dias de orações tinha me sentido confortável, o coração continuava pesado. Talvez por isso eu cada vez gostasse menos de comparecer às cerimônias, mesmo

pensando que deveria manter as tradições, só o que conseguia ver era a obrigação, o ter que fazer; enquanto que, espiritualmente, não me sentia verdadeiramente conectada.

Pela primeira vez, admiti esse sentimento. Tinha um pouco de vergonha, até porque parecia desrespeitoso com as tradições, com a educação que recebi dos pais e contraditório com o que ensinei para os filhos. Enfim, consegui perceber um pouco do que me incomodava. Não gostava da obrigação, das datas, dos horários. Queria me sentir livre para ter momentos espirituais verdadeiros, sem os rituais; ainda que achasse os rituais importantes. Mas àquela altura da vida, não fazia diferença, sabia os rituais de cor, e estava à procura de experiências mais significativas.

Regina ligava todos os dias, era uma amiga do coração, se preocupava comigo, insistia em dizer que eu estava deprimida e que precisava me reanimar, mas que ainda devia procurar outro tipo de ajuda. Ela sempre tinha uma palavra carinhosa e um convite pronto acabou, mais uma vez, me convencendo a ir à cerimônia. Já que eu estava tão introspectiva, centrada em mim mesma, seria bom tentar comungar com outras pessoas neste momento. Mesmo neste conflito acabei concordando em acompanhar Regina.

Chegamos cedo, um grupo se aglomerava na porta da sinagoga, conversando e confraternizando. Mesmo sendo dias de introspecção, havia também o aspecto social que se misturava, era um dia para passar com a família e amigos, cumprimentando a todos com votos de saúde e um ano bom e doce.

Ali ficamos, revendo amigos e cumprimentando a todos, e José se aproximou fazendo festa, dizendo como era bom me encontrar e foi logo se apresentando para Regina, que ficou surpresa com o entusiasmo desconhecido. Ele estava com uma menininha de uns quatro ou cinco aninhos e visivelmente tinha uma deficiência, eu não saberia dizer o que, mas a criança era especial.

Alegremente, José apresentou Mariana, a neta, que brincava correndo em volta dele, e contou que a filha estava trabalhando e não podia faltar ao emprego recém-conseguido, com muito custo e mesmo no feriado judaico, não queria correr risco. O genro tinha deixado a família quando se deparou com a situação da criança e desde então José e a esposa ajudavam na educação de Mariana. Agora, com a viuvez, José é que ficava com a neta quando a filha

precisava.

Fiquei ali, observando a alegria da menina e ouvindo a história, nunca poderia imaginar que José tivesse todos estes problemas. Ele que estava sempre bem humorado parecia, como dizem, com a vida ganha e curtindo os anos de aposentadoria.

A cerimônia ia começar. Nós nos despedimos ali. José disse que sentaria com a neta em um lugar mais próximo da saída e completando que ligaria para mim após os feriados.

Regina não se conteve e logo que José se afastou iniciou uma bateria de perguntas, querendo saber tudo sobre José e dizendo que ele estava visivelmente interessado em mim, e comentando que ele era muito simpático e alegre, apesar do difícil desafio de cuidar da neta.

Fiquei tonta de tanto que Regina falava e ainda estava sob o impacto da história de vida de José, e que história! Respondi vagamente para Regina, dizendo que o conhecia muito pouco e que esse era o jeito dele. Era íntimo e informal, fazendo com que todos parecessem amigos de longa data.

Mesmo assim, Regina insistia que eu deveria deixá-lo realmente aproximar-se, já que ele parecia uma ótima companhia e era tudo o que eu precisava no momento.

Voltei para casa só no final da tarde. O dia tinha sido muito cansativo, eu ficara concentrada em mim mesma, resultado da introspecção dos últimos dias. Mas, vez ou outra, meu pensamento trazia José e sua história.



## Capítulo Vinte e Dois

*Ainda Rotina*

*O sol nasce, e o sol se põe, e corre de volta ao seu lugar donde nasce.*

*Eclesiastes 1:5*

Finalmente passaram as festas, fiquei muito cansada por conta das cerimônias, encontros e compromissos, mas, além do cansaço me sentia de meus próprios pensamentos, tinha raiva dos filhos, sem querer tê-la. O sentimento era meio mágoa, meio raiva, não era uma sensação boa e me paralisava de culpa.

Não sabia o que fazer com minha solidão, com o tempo que passava sem que nada acontecesse e os dias que se sucediam vazios e sem sentido. Subitamente, senti-me realmente velha, a vida havia passado para mim, estava feia, sem brilho, sem ninguém.

Tudo a minha volta parecia se mover rapidamente, cheios de vitalidade e planos. Somente para mim a vida não trazia alegrias. Resolvi ir à sessão de terapia, pelo menos lá falaria com alguém. Sabia, é claro, que se tratava de uma relação profissional, mas não deixava de ser um desabafo, afinal, Clarice conhecia bem minha trajetória.

Foi assim que cheguei à sessão; muito triste, culpada e magoada, com um turbilhão de sentimentos desalinhados.

Clarice ficou muito preocupada, achou que eu tinha regredido muito no tratamento, e que eu estava de novo em um processo de autoflagelação por todas as coisas que não conseguia controlar e insistia em querer enquadrar toda a vida em um modelo sonhado de felicidade que não existe a não ser na minha fantasia.

Clarice insistiu dizendo que eu deveria dar uma chance a mim mesma de ser feliz e de me libertar dos costumes, tradições, regras, modelos. Não era um processo rápido, mas uma chance de mudança, na qual eu podia quebrar o padrão de comportamento que vinha adotando e que visivelmente não me dava prazer.

De certa forma, estava convencida que precisava mudar, não sabia bem o que, como, nem por onde começar. Não tinha forças para argumentar com

Clarice dizendo que era uma situação passageira, afinal, eu me sentia assim há meses e começava a ver que a chave para a saída só eu tinha, mas estava na direção errada com os pensamentos e escolhas erradas.

Mais uma vez, fui para casa com as palavras de Clarice, ao mesmo tempo queria e não queria pensar sobre a sessão.

Sabia que alguma coisa aconteceria, uma espécie de pressentimento que só fazia aumentar minha angústia. Era um aperto que eu não sabia explicar, ao mesmo tempo uma mistura de nostalgia e medo do futuro. Peguei um livro e fiquei ali, deitada no sofá, passando as páginas sem qualquer concentração. Nem sabia quanto tempo havia passado, acabei por cochilar ali mesmo e despertei com o insistente toque do telefone.

## Capítulo Vinte e Três

*Amizade de Novo*

*Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.*

*Eclesiastes 11:1*

Atendi ao telefone bruscamente, atordoada com o despertar; de início não reconheci quem falava tão rápido, alegremente perguntando como eu estava e se desculpando por só agora ter telefonado. Após alguns instantes me dei conta, bem surpresa, que era José. Apesar de ele ter dito várias vezes que ligaria, eu não tinha dado muita importância.

José contou um pouco sobre a filha e a neta e acabou por também se confessar aliviado com a passagem das festas, tudo havia tomado muito tempo e o deixado muito cansado, mas agora parecia cheio de planos para esta nova fase.

Era impossível não perceber como ele era animado e vibrante e que com todas as dificuldades que enfrentara, ainda assim tinha muita vitalidade, de certa forma quase o invejei. Ao mesmo tempo em que esse pensamento sobrevoou minha mente, pensei que era exatamente dessa contagiante vitalidade que precisava. Enquanto vagava por estes pensamentos, José tinha mudado de assunto e ia dizendo que no dia seguinte voltariam as aulas de informática e que eu deveria ir, melhor ainda, que poderíamos ir juntos.

Mal comecei a argumentar que tinha faltado nas três últimas aulas e que não poderia acompanhá-lo, José foi dizendo que não aceitava desculpas, que me ajudaria e que ele mesmo estava achando difícil e até considerando refazer o mesmo curso quando o atual terminasse. Acabou por me convencer que era de menor importância se demorasse um ou dez meses para aprender e que aquela era uma forma de preencher o tempo com algo útil de forma prazerosa.

Os pensamentos reviravam-se na minha cabeça; parecia que Clarice e José tinham combinado, diziam as mesmas palavras. Fui obrigada a reconhecer que José poderia ajudar, talvez não só com a informática, mas com a vida.

Lá estava ele, dizendo que eu estava meio distante, que devia estar com sono e que ele nem tinha percebido que era um pouco tarde; desculpei-me pela distração, dizendo que não era tarde. Acabamos por combinar que José

passaria pelo meu prédio uma hora antes da aula e iríamos juntos de ônibus, era tempo suficiente para chegarmos no horário. E ele me passou seus telefones, somente para uma eventualidade, mas que não aceitaria qualquer desculpa para que eu mudasse de idéia até o dia seguinte.

Achei engraçado a percepção dele, que apesar de me conhecer tão pouco, parecia saber que no dia seguinte tudo pareceria diferente e inadequado. Eu estaria morta de medo e desistir seria meu movimento natural.

Finalmente nos despedimos e percebi que havíamos falado por mais de uma hora, como poderia voltar a dormir agora? Sentia-se agitada, até um pouco ruborizada, parecia uma adolescente, uma Sônia Aluna.

## Capítulo Vinte e Quatro

*Mudança de Novo*

*Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar.*

*Eclesiastes 3:4*

Conforme o combinado, José chegou pontualmente. Fomos conversando animadamente pelo caminho. **Ele** tinha muitas histórias para contar, era detalhista e observador, mas, ao mesmo tempo, tinha um humor sarcástico que tornava tudo mais divertido.

Falou muito mais que eu, que tive oportunidade de observá-lo melhor, coisa que ainda não tivera oportunidade de fazer. Era um homem corpulento, com certeza nunca havia sido magro, tinha gestos largos, falava alto e, por assim dizer, tinha presença e ocupava espaço.

Não podia deixar de compará-lo a Saul, sempre quieto e reservado, um homem de pouco assunto e sorrisos. No entanto, o jeito espontâneo de José me agradava. De certa forma, ele me deixava à vontade, era informal, mas não vulgar; simples sem ser indelicado.

Chegamos à escola no horário, mas grande parte da turma e também Ricardo, o professor, já estavam lá. José foi logo anunciando que tinha me resgatado e que Ricardo tinha que agradecer-lo pela aluna recuperada e, brincando, disse que se o rapaz não fosse tão chato, eu não teria fugido.

Senti o rosto queimar como fogo, sempre fui tímida e a convivência com Saul, tão reservado, tinha me deixado desacostumada a estes arroubos efusivos e menos ainda à verbosidade de José; estava também muito sem graça por ter abandonado as aulas e agora voltava com aquele escarcéu, sem nem dar oportunidade a Ricardo de talvez dizer que não seria possível voltar naquele momento, que atrapalharia o grupo ou qualquer coisa assim.

Não satisfeito com o barulho, José disse que seria meu monitor, para que eu pudesse acompanhá-los e que Ricardo não deveria se preocupar, pois ele cumpriria tão bem a tarefa que seria promovido ao cargo definitivamente.

Ricardo pareceu levar tudo na brincadeira, cumprimentou-me com um beijo, dizendo que era muito bom ter-me de volta e encerrando o assunto, pediu que nos acomodássemos, pois tínhamos muito trabalho a fazer.

E assim a aula começou, eu estava totalmente por fora do assunto, mas aos

poucos fui me lembrando das instruções das primeiras aulas e José foi ajudando a me situar. Ricardo também foi atencioso e a toda hora vinha ver se estava tudo bem. Gina veio também me cumprimentar, dizendo amavelmente e com tom brincalhão que era ótimo que eu estivesse de volta, afinal, o time dos sessentões tinha ficado desfalcado.

Mal senti o tempo passar e quando me dei conta, Ricardo estava se despedindo e dizendo que todos iriam tomar aquele já tradicional café na cantina de lá. Cada um, a seu tempo, se despediu, desejando bom final de semana já que a próxima aula seria somente na terça-feira.

José, Gina e eu saímos juntos, José me acompanhou até em casa, mesmo ficando ainda um pouco longe para ele e sugeriu que nos falássemos antes de terça-feira. Ele ainda não sabia se teria que ficar com a neta, mas ligaria para mim e talvez pudéssemos ir juntos ao clube e praticar um pouco.

Pensei no computador intocado que tinha em casa, mesmo assim não tive coragem de tocar no assunto... E se José pensasse que era um convite? Podia entender mal, afinal, havíamos nos conhecido outro dia, fiquei um pouco receosa.

José nem quis ouvir meus agradecimentos pela ajuda e atenção, disse que só não queria novas desculpas e desistências e que desta forma ele se sentiria recompensado.

Foi assim que nos despedimos, fiquei com uma sensação boa do tempo que passamos juntos, tinha que admitir que me distraíra e relaxara como há muito tempo não acontecia.

Acordei com o telefone, era Sérgio ligando de Nova York. Fazia tempo que eu não falava com o filho, ele tinha viajado a trabalho e as ligações e horários ficaram desconstruídos.

Agora, Sérgio contava que estava envolvido em um novo projeto no museu e dificilmente poderia vir ao Brasil no final do ano. Insistiu para que eu finalmente programasse a viagem para visitá-lo, talvez até um pouco antes das festas de final de ano, quando ainda não estivesse tão frio. Eu disse ao meu filho que não sabia ainda, mas prometi pensar como faria.

Achei Sérgio um pouco cansado e não pude deixar de ficar preocupada, mas não podia fazer muita coisa a distância, talvez ele só estivesse num dia ruim.

Nós nos despedimos e levantei pensando na aula do dia anterior, tinha dado

tudo tão certo e eu estava animada, achava mesmo que José me ajudaria, queria contar para Clarice, a terapeuta gostaria da novidade. Combinei com José de praticar no domingo. Não havia contado a ele que tinha um computador em casa e nem sabia como e se faria isso.

Enquanto me aprontava para a sessão com Clarice, Samuel ligou pedindo que eu cuidasse de Ana no sábado à noite, pois ele e Lili tinham um casamento e finalmente, D. Eliza, a mãe de Lili, voltara para o interior. Logo concordei em cuidar de minha neta e perguntei por Daniel, que não via há tempos. Samuel explicou que aquele não era o final de semana de ele ficar com o filho e que, agora adolescente, o garoto tinha toda uma programação com os amigos. Registrei mentalmente que mais tarde tinha que ligar para o neto.

Já estava na porta de saída, quando mais uma vez o telefone tocou. Dessa vez era Susana, que queria trazer Mario para almoçar no domingo, eu nem sabia bem o que dizer, afinal tinha marcado com José, sem acertar hora nem detalhes, acabei dizendo para Susana que estava atrasada para a consulta e ligaria na volta, e adiei a questão.

Fui até o consultório de Clarice pensando no que diria à filha, afinal, Susana nem sabia que estava no curso, aliás, há tempos ela havia desistido de perguntar sobre o assunto.

A sessão foi boa, Clarice disse que aos poucos eu percebia que precisava resgatar minha vida, contei um pouco sobre a aula e também sobre a ajuda que José tinha oferecido, não pude deixar de mencionar que ainda não contara a ele sobre o computador e também que não contara aos filhos ou a qualquer outra pessoa sobre o curso de informática.

Para Clarice, no momento isso era o que menos importava e disse que eu saberia agir conforme o meu coração mandasse, e me fez ver que cada um dos filhos estava levando sua vida e me incluíam nela ou não, conforme fosse conveniente, e que eu devia fazer o mesmo, ou seja, acharia a hora certa para contar sobre o curso, combinaria ou não o almoço com Susana, conforme o compromisso que tinha com José e por aí estabeleceria os limites do quanto estaria presente na vida dos filhos e vice-versa.

Sai da sessão mais leve, decidida a nada dizer aos filhos por enquanto e também não comentar com Regina, que voltaria a fazer perguntas sobre José, insinuando um possível romance entre nós, e eu não queria pensar sobre isso

agora, menos dar explicações a respeito.

Já em casa, liguei para Susana dizendo que o melhor é que viesse no sábado, já que, no domingo, talvez fosse ao teatro com Regina. Susana logo concordou, animada com a minha saída. Depois eu diria que não tinha ingressos ou algo assim. Essa foi a forma que encontrei de não ficar culpada por dispensar a filha, além disso, queria vê-la, mais ainda com Mario, fazia tempo que não os via juntos, a última oportunidade tinha sido no jantar-fiasco das Grandes Festas. Susana parecia feliz, não comentava nada, mas eu percebia, desde que apresentara Mario à família vinha se mantendo tranqüila, mesmo na rotina agitada do trabalho.

O final de semana estava organizado, e mais uma vez lembrei que precisava ligar para Dani.

## Capítulo Vinte e Cinco

*Ainda Avó*

*Tenho visto servos montados a cavalo, e príncipes andando a pé como servos.*

*Eclesiastes 10: 7.*

Daniel era um menino bem carinhoso, fez a maior festa ao receber minha ligação, brincou dizendo que agora eu tinha Aninha e que ele tinha perdido o posto de neto único. Eu sabia que era brincadeira, ele contou ainda que estivesse em meio às provas e queria passar direto, o pai tinha prometido um computador novo se isto acontecesse.

Eu nem tinha dúvidas, ele sempre foi ótimo aluno e eu tinha certeza de que Samuel tinha prometido porque queria mesmo dar o presente ao filho, mas Daniel era o tipo de aluno preocupado, se dedicava aos estudos, achava importante, era muito responsável.

Fique ali ouvindo como ele estava louco para ganhar o novo micro e foi dizendo que queria me mandar um e-mail, com a foto da competição de natação, na qual ele ganhou uma medalha e assim, naturalmente, me pediu o endereço eletrônico.

Sem graça, eu nem sabia como dizer a meu neto que não tinha e-mail, logo para ele que ficou tão entusiasmado com a chegada do computador no dia do aniversário.

Disfarcei, dizendo que nem sabia que ele continuava nadando, menos ainda que tivesse ganhado uma medalha e que eu queria ver a foto, mas agora não me lembrava o e-mail de cor e corajosamente sugeri que o neto desse o e-mail dele e eu responderia com o endereço.

Daniel concordou naturalmente, mas avisou: “Não vai esquecer, vó!” Pedi que ele esperasse enquanto pegava papel para anotar e assim fiz, guardando o papel para mostrar a José.

Será que eu conseguiria mandar a mensagem? Agora que tinha prometido, era questão de honra conseguir, pensei comigo. Talvez precisasse mesmo do desafio para seguir em frente, afinal, essa era uma trajetória conhecida, como diria Clarice, com um desafio prático, uma tarefa a cumprir. Eu me organizava e resolvia a questão, funcionava assim, Sônia - Operária. Resultados da educação rígida que recebera dos pais o que fez dela e do irmão, cumpridores

de tarefas.

Pensei com certo orgulho que neste ponto o neto se parecia comigo, afinal, sob o desafio das provas e dos estudos, agia cumprindo as tarefas. Combinei com Daniel, que ele ligaria assim que as provas terminassem para irmos ao cinema, eu sempre o convidava, assim era um dinheirinho a menos que ele gastava da mesada e me fazia companhia. O dia tinha sido agitado: o almoço com Susana e Mario e, no final da tarde, a chegada da neta. Assim que fiz Aninha dormir o telefone tocou, era José, queria combinar para que nos encontrássemos no clube no dia seguinte, lá poderíamos usar a sala de Internet para estudar e eu ficaria a par das aulas que tinha perdido.

Até esse momento, eu não tinha decidido se contaria ou não a José sobre o micro. Ele me convidou para almoçar. Poderíamos comer no shopping center e depois ir ao clube, que fica perto. Enquanto José falava sobre os planos, fui pensando nas palavras de Clarice, dizendo que eu saberia agir com o coração e de repente tudo pareceu tão cristalino. O motivo de não ter contado a José sobre o micro que tinha em casa é que não queria se expor, menos ainda queria que ele me interpretasse mal, que achasse que eu estava usando a desculpa para convidá-lo a ir a minha casa.

Por outro lado, agora pensava que estaria muito mais exposta se fosse ao clube e ao shopping vizinho, que era muito freqüentado pelos associados. Era bem provável que encontrasse Regina, que sempre estava por lá, ou ainda outros conhecidos. Pensei ainda que José tivesse dado a sugestão simplesmente porque desconhecia a existência do computador; foi aí que decidi interromper os planos de José, e disse que tinha uma idéia. José começou a escutar e eu disse da forma mais natural que consegui que não iria ao clube praticar, mas que poderíamos usar o micro que meu filho havia instalado.

Eu falei como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Depois, se fosse conveniente, explicaria melhor. José, com seu jeito festeiro, foi logo comemorando, dizendo que era uma ótima notícia e que poderiam usar o computador novo, mas e quanto ao almoço? Sugeri que nos encontrássemos em um restaurante pequeno, mais perto da nossa casa; almoçaríamos e depois partiríamos para o trabalho! José disse que assim estava ótimo e combinamos às treze horas do dia seguinte.



## Capítulo Vinte e Seis

*Ainda amizade*

*Longe está o que já se foi, e profundíssimo; quem o poderá achar?*

*Eclesiastes 7:24*

Como sempre, José foi pontual. Vinha trazendo duas pastas de elástico; entregou uma delas a mim, dizendo que tinha tirado cópia das anotações, se é que eu conseguiria entender a letra dele, disse rindo.

Fizemos os pedidos do almoço. José, apesar dos gestos largos e do jeito falante, era atencioso e delicado. Perguntou pelos meus filhos e netos e contei um pouco sobre a família. Ele disse que, depois da viuvez, que agora fazia um ano, sua vida tinha mudado completamente; a esposa havia passado por um longo período de doença lutando durante quatro anos contra um câncer. Depois de seu falecimento, as dificuldades se agravaram, o genro deixara a filha sozinha cuidando da menina com muita dificuldade. José decidiu vender a loja que manteve por vinte e cinco anos.

Foi aí que as mudanças realmente o atingiram. A rotina de sair para trabalhar todos os dias deixou de existir, José passou a ficar mais tempo em casa, agora vazia e triste; teve também que se acostumar com os afazeres domésticos, não que fossem difíceis, mas antes não tinha preocupações como comprar comida, cuidar da roupa e outras rotinas da casa. A neta ficava com ele todas as manhãs nos dias de semana. Ele lhe dava almoço, banho e a deixava na escolinha onde, no final do dia, a filha ia buscá-la.

Tinha resolvido fazer o curso que o ocupava por duas horas na semana, assim não ficaria tanto tempo em casa. No ano seguinte, a neta já passaria a ficar o dia todo na escola, os médicos achavam que era melhor para o desenvolvimento da menina.

José pensava em como seria sua rotina, não queria ficar em casa todas as manhãs e cogitava retomar alguma atividade profissional, não sabia bem o que, estava com sessenta e cinco anos e evidentemente não seria um emprego, mas tinha alguns contatos de tantos anos de trabalho e pensava em começar a ativá-los.

Fiquei impressionada com o ânimo, ele não hesitava em fazer planos e se manter ativo, mesmo com tudo que havia passado. Pensei que esta seria mais

uma coisa a aprender com José.

Almoçamos tranqüilamente, conversando, e José insistiu em convidar-me, pagando a conta, dizendo que a próxima seria minha. Seguimos caminhando até meu prédio e quando chegamos ao apartamento, José deparou com o computador novinho e, rindo, disse: “Preciso confessar uma coisa: agora também tenho um computador em casa” e explicou que achava que eu nunca aceitaria ajuda se ele me chamasse para ir lá, mais ainda, disse que não queria parecer ousado. Aí foi a minha vez de rir e José ficou sem entender, até que fiz também minha confissão, contando toda a história desde o dia do aniversário quando ganhei o presente até o telefonema em que Daniel me deu seu e-mail.

Acabamos por rir juntos de tudo aquilo e José enfim disse: “Mãos à obra, menina! Já perdemos muito tempo e você tem uma missão a cumprir com seu neto!”.

Passou-se quase um mês desde a primeira “aula” de José. Desde então, nos falávamos quase todos os dias, íamos juntos ao curso, José sempre vinha mais cedo, estudávamos um pouco juntos e aos domingos sempre almoçávamos juntos e passávamos à tarde no computador. Eu me sentia animada com essa nova rotina, José era um homem paciente e não se cansava de repetir os exercícios comigo até que finalmente eu consegui enviar um e-mail para Daniel. Mal conseguia acreditar que eu tinha aprendido. Daniel respondeu, enviando a foto com a medalha de natação. José colocou a foto como meu fundo da tela, ficou lindo!

Fiquei tão animada que em seguida mandei outra mensagem para ele, pedindo os endereços de todos da família, Susana, Samuel, Sérgio, Lili e também Regina, pois queria mandar uma mensagem surpresa, afinal, eles ainda não sabiam do curso e de todo o caminho de aprendizado percorrido por mim.

Clarice não se cansou de repetir como estava impressionada com as mudanças da Sônia Aluna que me apresentei, ela tinha me apoiado muito, mas, por outro lado, continuava insistindo que eu considerasse a possibilidade de um romance com José. Nós nunca havíamos falado sobre isso, mas de alguma forma sabíamos que estávamos cada vez mais próximos. Eu ainda não sabia bem definir seus sentimentos com relação a ele; éramos amigos, tínhamos muito em comum, mas a verdade é que, de certa forma, até o momento, eu bloqueara outras possibilidades. Clarice insistia para que eu deixasse fluir,

que me faria bem viver um novo relacionamento, mas eu ainda me sentia presa no discurso: “O que diriam meus filhos?” mesmo que a terapia tivesse me ajudado a dar um passo muito importante. Clarice insistia que eu tinha que manter uma condição de limites entre a minha vida e a dos meus filhos e que eu não poderia usar essa desculpa para não me arriscar.

Eu não me sentia pronta, apesar de me sentir à vontade com José e de termos nos tornado íntimos. Eu não tinha certeza dessa possibilidade, aliás nem sabia se ele queria, não havia para mim sinais além da amizade. Clarice voltou a dizer que o que importava é o que eu queria e que não havia forma de estar pronta sem me permitir vivenciar a experiência.

## Capítulo Vinte e Sete

### *Nova Família*

*Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;*

*Eclesiastes 3:2*

Era a última semana do curso. Eu agora acompanhava a turma tranqüilamente. Ricardo, o professor, elogiou minha força de vontade e persistência. Com uma ponta de orgulho, agradeci, acrescentando que devia muito a José pela paciência e principalmente pela inspiração.

Ricardo pediu a cada um dos alunos que escolhesse algo especial para fazer no último dia de aula, uma espécie de trabalho final; podia ser um texto, uma foto, qualquer coisa. Eu, secretamente, já sabia o que fazer, não contei a ninguém, nem mesmo a José, queria que fosse surpresa para ele também.

Era o final de novembro, mal podia acreditar, estávamos no final do ano, de novo, o tempo passara tão rápido, mas, afinal, agora eu me sentia melhor, estava mais tranqüila e mesmo ainda não tendo contado aos filhos sobre o curso, planejava fazê-lo. Regina também não sabia, e intimamente eu sabia que ela ficaria chateada, mas daria um jeito.

Sérgio voltou a insistir para que eu fosse vê-lo, queria mandar a passagem, eu não conseguia me decidir sobre o assunto e acabei prometendo a ele que até a semana seguinte lhe daria uma resposta. Pensei que deveria mesmo ir, afinal, o curso estava terminado, e de novo, eu teria muito tempo livre. Lá, Sérgio teria uns poucos dias de férias e sugeriu que nós os aproveitássemos juntos. Além disto, coincidiam com as férias de Clarice, que insistia comigo ser uma ótima oportunidade... E eu não decidia.

Susana ligou dizendo que passaria em casa à noite, queria falar comigo. Será que tinha acontecido alguma coisa? Chegou na hora do jantar, estava agitada e logo percebi que era importante, mas tentei deixá-la à vontade e aos poucos ela foi relaxando.

Susana contou que ela e Mario iriam viajar, planejavam ficar fora por um mês. Ele tinha programado uma participação em um congresso e Susana o acompanharia, depois ficariam três semanas viajando a passeio e na volta decidiram morar juntos. O divórcio de Mario estava resolvido, eles estavam juntos havia quase um ano, aliás, completariam um ano na viagem, de davam

bem e praticamente já moravam juntos mesmo.

Sônia - Mãe queria perguntar se iam se casar, mas me contive. Susana mesmo acabou dizendo que o plano era morarem juntos durante um tempo e depois decidiriam; afinal ela também queria ter filhos e isso mudaria tudo.

Comecei a chorar, fiquei tão emocionada que acabei deixando Susana desconcertada, nem eu sabia por que estava chorando, se era por mim, pela filha, se era de alegria ou não. Por fim me acalmei, beijei minha filha, desejando toda a felicidade que só uma mãe pode desejar e dizendo que se eles assim tinham decidido, eu os abençoava de coração. Planejavam viajar dali a três semanas e ficariam fora nos feriados de final de ano.

Eu disse a Susana que também estava planejando visitar Sérgio e agora, com aquela notícia, praticamente as viagens coincidiriam e ali decidi fazer um almoço para toda a família, assim poderíamos comemorar e nos despedir antes da viagem.

## Capítulo Vinte e Oito

### *Nova Amizade*

*Procurou o pregador achar palavras agradáveis, e escreveu com acerto discursos plenos de verdade.*

*Eclesiastes 12:10*

No dia seguinte seria a última aula do ano. José, que não tinha aparecido durante todo o final de semana, ligou só no final da tarde me convidando para um café. Diferente de sempre, José estava sério ao telefone, eu queria contar a ele sobre Susana e que finalmente havia decidido viajar para ver meu filho, mas esperei para fazê-lo pessoalmente.

Na última semana, percebi José bem tenso, parecia preocupado e distante, ele não mencionara nenhum problema, mas eu sabia que algo estava acontecendo. Desde quando eu me preocupava com isto? Pela primeira vez me dei conta de que com o término das aulas não nos veríamos mais com a mesma frequência e pensei que sentiria falta dele, pois havia me acostumado com as atenções e a companhia e, somente aí, admiti silenciosamente que gostava mesmo dele.

José trouxe uma foto linda de Mariana, a netinha, e contou que a usaria para o trabalho final do curso. A imagem seria o convite para o aniversário de três aninhos da neta e ele combinara com a filha de preparar o arquivo para que ela enviasse aos convidados. Não contei sobre o que faria para o trabalho final e José também não perguntou.

Continuava a achá-lo tenso, eu tinha certeza de que alguma coisa o afligia e antes de contar minhas novidades, esperei que ele falasse. Estava formal, o que não combinava com seu estilo. Começou me agradecendo e fiquei sem entender. Ele continuou explicando que minha companhia tinha feito muito bem a ele e que eu o tinha ajudado a não se sentir tão sozinho. Não pude deixar de rir, dizendo que era exatamente o contrário, que ele é que tinha me dado ânimo e incentivo a voltar ao curso e a sair de casa.

Acabamos rindo juntos. José disse que ficava feliz por saber que eu também me sentia assim e que não queria que deixássemos de nos ver agora que o curso terminaria, e que esperava que passássemos mais tempo juntos.

Somente pela minha expressão, José foi logo completando que eu não deveria me assustar com a proposta, ele sabia que eu tinha medo e dúvidas e, na verdade, ele também as tinha. Mas, talvez juntos, pudéssemos, da mesma maneira que vencemos a informática, vencer também o medo. Voltei a rir da comparação e disse como me sentia muito à vontade com ele e como para mim era também importante que não nos afastássemos.

José tinha um convite para fazer, ele tinha muitos planos. Nos últimos dias, tinha acertado a representação de produtos com um importador e começaria a atividade no início do novo ano, mas antes disso, precisaria viajar para conhecer melhor os produtos. Teria que ir aos Estados Unidos e queria que eu o acompanhasse. Fiquei surpresa.

Seria uma viagem de negócios, mas era uma forma de nos divertirmos juntos e como disse ele, de decidirmos se teríamos um relacionamento, sem pressa, sem pressões.

Só aí contei as novidades: a decisão de Susana e ainda sobre a viagem que planejava para visitar Sérgio, ou seja, eu também tinha planos de viagem, restava decidir se iríamos juntos. Fiquei emocionada com o convite e também com a delicadeza e sensibilidade de José, que conseguira perceber e resumir meus temores; à exceção de um: o que diria aos filhos?

Como se lesse meus pensamentos, José disse que ele falaria com meus filhos se eu assim o quisesse, mas ele achava que os filhos estavam seguindo seus caminhos, a que poderiam se opor?

“Afiml, o que tanto a incomoda?”, perguntou ele, “Seria vergonha? Ou medo de ser feliz?” Ali estava José, repetindo as palavras de Clarice, de que eu precisava dar um oportunidade para a felicidade.

Prometi pensar no assunto e ele entendeu, lembrando que não tínhamos tanto tempo, a data da viagem estava próxima e era necessário se planejar.

Agradei, estava envaidecida, fui para casa com o coração leve, mas a cabeça girando, muitos pensamentos novos e sentimentos dos quais eu não me lembrava.



## Capítulo Vinte e Nove

*Nova Terapia*

*Há alguma coisa de que pode se dizer: Vê, isto é novo? Ela já existiu nos séculos que se foram antes de nós.*

*Eclesiastes 1:10*

Seria a última sessão com Clarice antes das férias. Cheguei contando todas as novidades sobre os filhos e também a conversa com José. Clarice limitou-se a elogiar minha aparência e dizer que eu estava pronta para qualquer que fosse o caminho a seguir. As dúvidas que eu ainda tinha eram naturais da situação, do momento novo desconhecido e da possibilidade de um relacionamento, e tais questões sempre apareceriam durante a vida.

Eu ainda não havia me decidido sobre o convite de José. Clarice insistia que eu tinha todos os recursos para decidir sozinha, ouvindo meu coração e meus desejos sem pensar em filhos, família, amigos ou quem quer que seja.

Eu sabia que Clarice tinha razão; depois de muito tempo eu sentia que qualquer que fosse a resposta, eu tinha o que decidir, sentia que a vida retomava seus movimentos naturais e depois de tudo o quanto tinha sofrido e de como tinha sido difícil chegar até ali, estava me sentindo viva e isto era só o que importava.

Clarice se despediu dizendo que se eu quisesse, poderia voltar para mais uma sessão ainda antes das férias, ela daria um jeito. Agradei, mas eu sabia que não iria. Clarice, como sempre, ia visitar a filha no exterior e acabamos rindo das saudades dos filhos ausentes e do quanto estávamos ansiosas por revê-los.

Já em casa, liguei para Regina, tinha que finalmente contar à amiga sobre o curso e ainda não sabia ainda como o faria, pois ela ficaria magoada por eu não ter contado antes, mas também nós não havíamos nos visto muito ultimamente, Regina estava envolvida com o trabalho novo, tinha se adaptado bem por lá e feito novas amizades, ultimamente tinha viajado com pessoas nos finais de semana e só nos falávamos rapidamente ao telefone, mas parecia que eu ainda não conseguiria contar, ninguém atendeu e acabei deixando uma mensagem.

Senti-me aliviada por não falar com Regina naquele momento; os últimos dias haviam sido muito intensos e mesmo me sentido bem, de repente percebi como estava cansada. Precisava refletir sobre o que faria e o que queria, tinha prometido ajudar Susana, precisava me preparar para a viagem e combinar com os detalhes com Sérgio, mas e se eu fosse com José, como seria? Não tinha contado a Samuel que decidira viajar e precisava que ele me ajudasse com o pagamento de contas e outros compromissos, já que Susana não estaria e eu ainda tinha a última aula do curso no dia seguinte. José com certeza me perguntaria sobre a decisão, não queria pressionar-me, mas, afinal, ele também tinha que se organizar. Todas as perguntas giravam ao meu redor, fechei os olhos por um momento, respirei fundo e levantei para fazer um chá, enquanto organizava meus pensamentos.

## Capítulo Trinta

*Nova Rotina*

*Sei que não há coisa melhor para eles do que se regozijarem e fazerem o bem enquanto viverem;*

*Eclesiastes 3:12*

Acordei bem disposta, estava feliz com meu último dia do curso, me sentia como em uma formatura, afinal, esta era a minha primeira, pensei rindo.

Sai cedo e deixei um recado para José, dizendo que ia direto para o curso e o encontraria lá, tinha uma listinha de coisas para resolver, para mim e para Susana, e consegui fazer quase tudo até a hora da aula. Chegando lá, estavam todos animados e descontraídos; Ricardo pediu que todos se sentassem e fez um pequeno discurso de despedida pelo qual foi ruidosamente vaiado entre as gargalhadas de todos. Ele acabou por desistir do tom formal e perguntou se todos tínhamos preparado o último exercício; ele passaria por todos para ajudar com a conclusão e depois iríamos tomar chope, café ou água para a despedida.

Sentei-me à máquina e tirei as anotações da bolsa. José me observava, eu tinha uma carta escrita a mão, que comecei a digitar.

*Queridos,*

*Gostaria de compartilhar com vocês, minha querida família, esta conquista e o momento de felicidade de poder enviar a todos esta mensagem.*

*Estão todos convidados para um almoço de comemoração no domingo, dia quinze de dezembro, na minha casa.*

*Quero agradecer aos meus filhos e netos pelo desafiador presente, a Regina, por acreditar em mim, e a José, por me fazer acreditar.*

*Com todo meu amor,*

*Sônia.*

Copiei cuidadosamente os endereços de e-mail anotados no caderno e enviei a mensagem para meus filhos, neto, nora, Regina e José. Este último estava lá entretido com a foto da neta e a elaboração do convite e de vez em quando esticava o olhar para ver o que eu estava fazendo e continuava

fingindo não prestar atenção.

Ricardo passava de mesa em mesa e, chegando à minha, elogiou-me, dizendo que estava ótimo o que eu havia conseguido e que ele estava orgulhoso. Abracei o rapaz, agradecendo a paciência e ele, meio sem graça, foi logo brincando e dizendo que José deveria se cuidar, porque eu agora também era candidata ao cargo de monitora. José estava quieto, ocupado em fazer o convite ficar bom e de repente, com seu jeito espalhafatoso, soltou um “Eba!”, bem alto. Trocamos olhares e sorri para ele, eu sabia que ele tinha recebido a mensagem e a resposta estava ali naquele “eba”. Ele começou a batucar na mesa e a bater os pés no chão, todos achavam que era pela conclusão do trabalho e do curso, mas eu sabia que era muito mais que isso e comecei a rir olhando para ele.

Todos finalizaram os exercícios, foram para a cantina brindar e se despedir, combinaram o reencontro para o início do ano, agora todos tinham endereços de e-mail e podiam se comunicar também assim, mesmo que estivessem viajando.

José me acompanhou até minha casa e, quando cheguei, ele pegou minha mão, agradeceu e disse que estava muito feliz. Eu disse que tinha pensado muito e minha decisão tinha ocorrido graças ao carinho e à paciência dele, e que precisava que ele continuasse a ser paciente. José disse que ele mesmo também precisava de paciência, afinal, tudo também era novo para ele, e brincou dizendo que finalmente experimentaria a minha comida e saberia se eu cozinhava bem.



## Capítulo Trinta e Um

*A Nova Data.*

*Tudo tem a sua ocasião própria, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.*

*Eclesiastes 3:1*

O almoço foi um sucesso. Depois do envio da mensagem, meus filhos e Regina ligaram surpresos com tudo. Conversei com cada um contando a trajetória do curso e ainda sobre como José tinha me ajudado e também sobre a decisão de viajar, e que iríamos juntos.

As reações foram diversas, mas positivas. Regina e Lili eram as mais entusiasmadas com José e queriam saber tudo sobre ele. Samuel era o mais contido e discreto, como sempre, e perguntou só pelas providências práticas da viagem. Susana era a mais entusiasmada com a informática e também a mais preocupada com a companhia de José na viagem. Mario foi muito discreto, cumprimentou-me pela conquista e retribui dizendo que estava feliz em tê-lo por perto.

Daniel rodopiava pela sala com Aninha, se vangloriando porque sabia do segredo da vovó, brincado com o fato de que eu pedira segredo com relação ao envio da primeira mensagem.

Aos poucos, conforme fui contando as novidades, todos foram se tranqüilizando e percebendo o quanto eu estava bem e feliz e mesmo a primeira reação de surpresa e até um pouco de mágoa por eu não ter contado antes, logo desapareceram.

José conquistou a todos com seu jeito simples e espontâneo, não fazia muitas cerimônias e conhecia pelo menos um pouquinho da história de cada um pelo que eu havia contado e foi logo tratando a todos como velhos conhecidos, o que fez com que ficassem à vontade.

Sérgio ligou ansioso por saber da data de chegada, dizendo que estava esperando por nós; eu chegaria primeiro e ficaria por duas semanas sozinha com o filho, sozinha em termos, pois Sérgio disse que ele e Bob, um amigo, iriam me buscar. Parece que por lá a vida também seguia seu curso. José cumpriria os compromissos profissionais por diversas cidades e depois iria nos encontrar e passaríamos juntos os feriados de final de ano.

A casa estava cheia, do jeito que eu gostava, todos estavam animados e com muitas novidades, contando os planos para as férias. Era minha família que estava ali, as pessoas que eu mais amava no mundo. Olhei para todos rindo e conversando animados e fiquei emocionada. Regina cruzou seu olhar com o meu e sorriu, fazendo um movimento afirmativo com cabeça, que eu logo entendi .

O almoço se prolongou pela tarde, brindaram várias vezes e por diversos motivos, às viagens, à Susana e Mario, ao curso, a José e até meu aniversário, que seria quando estivesse ausente. Depois de tanto vinho, brindes e comida, eu estava exausta. Todos se foram, deixando para trás os ruídos da festa e a louça suja, mas eu estava feliz, parecia que tudo tinha se encaixado e agora que contara tudo aos filhos e a Regina, sentia um alívio.

Distraída, levei um susto quando o telefone tocou. Era José dizendo que esquecera de perguntar se meu passaporte estava em ordem e o tranqüilizei dizendo que sim. Nós nos falamos rapidamente e decidimos descansar. Liguei o chuveiro para um banho quente e pensei: o passaporte está pronto; estou partindo para a terceira parte da minha vida.

